



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
D O P O R T O

Ricardo João Ramos Cerqueira

A IMPORTANCIA DO LUGAR PARA A IMPLANTAÇÃO E CONCEPÇÃO DOS EDIFÍCIOS

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Tese/dissertação defendida em provas públicas
na Universidade Lusófona do Porto no dia 28/06/2018, perante o
júri seguinte:

Presidente: Prof. Doutor Pedro Cândido Almeida D'Eça Ramalho
(Prof. Catedrático da Universidade Lusófona do Porto)

Vogais: Prof. Doutor
(Prof. Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto) – Arguente

Orientador: Prof^ª. Doutora Isabel Maria da Cruz Batista Matias
(Prof^ª. Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto)

Junho 2018

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar este trabalho:

Aos meus pais, pois apesar de todas as dificuldades pelas quais passamos, sempre fizeram um esforço enorme por me dar tudo que precisava para chegar a esta etapa.

Ao meu irmão, pelo apoio prestado.

Aos meus colegas de trabalho da bershka, que me ajudaram a crescer imenso como pessoa.

A todas as Comissões de Praxe com quem tive oportunidade de trabalhar pelo companheirismo.

Ao Conselho de Veteranos da Universidade Lusófona do Porto, pois desde que entrei no seio universitário, nunca me deixaram só, abraçando-me com uma imensidão de sentimentos e lembranças, servindo como um apoio essencial para o meu desenvolvimento académico.

À minha namorada, Carolina Miranda, pela paciência, compreensão, carinho e apoio prestado, pois nos momentos mais difíceis, quando eu mesmo pretendi desistir, ela apoiou-me e ajudou-me a levantar.

Aos amigos e colegas, pelo apoio e companheirismo.

À prof^a Doutora Isabel Babo Lança, pela dedicação e constante preocupação.

À minha orientadora, Prof^a Doutora Arquitecta Isabel Maria da Cruz Batista Matias, pelo tempo dispensado, pela constante preocupação e transmissão de conhecimentos.

RESUMO

Com a elaboração da presente dissertação, pretende-se entender o Lugar e a importância das formas dos edifícios para contemplar e “incorporar” na concepção do projecto.

No primeiro capítulo, é feita uma abordagem ao conceito de lugar, denominando todas as suas vertentes e explicar de que forma podem ser considerados modeladores projectuais.

No segundo capítulo, são estudadas obras de Siza Vieira, Souto Moura e Fernando Távora, tomando-as como exemplo do que foi abordado no capítulo anterior.

No terceiro capítulo, é feita uma reflexão relativamente ao lugar na Quinta da Conceição, em Leça da Palmeira, onde é pretendido construir a escola de dança, desenvolvida no âmbito da disciplina de projecto.

No quarto capítulo, é abordada a intervenção projectual da escola de dança na quinta da Conceição em Leça da Palmeira, utilizando o “lugar” como justificação para a forma do edifício.

Por fim, no quinto e último capítulo, expõem-se as conclusões e considerações finais alusivas ao tema e à investigação elaborada.

Palavras Chave: Lugar, Quinta da Conceição, Projecto

ABSTRACT

With the elaboration of this dissertation, we intend to understand the Place and the importance of the forms of the buildings to contemplate and to "incorporate" in the conception of the project.

In the first chapter, an approach to the concept of place is made, naming all its aspects and explaining how they can be considered projectile modellers.

In the second chapter, the works of Siza Vieira, Souto Moura and Fernando Távora are studied, taking them as an example of what was discussed in the previous chapter.

In the third chapter, a reflection is made on the place in Quinta da Conceição, in Leça da Palmeira, where it is intended to build a dance school, developed under the project discipline.

In the fourth chapter, it is approached the projectual intervention of the dance school in the Quinta da Conceição in Leça da Palmeira, using the "place" as justification for the shape of the building.

Finally, in the fifth and last chapter, the conclusions and final considerations referring to the topic and the elaborated research are presented.

Key Words: Place, Quinta da Conceição, Project

INDICE

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Introdução	1
Apresentação do Tema	3
Objectivos	5
Metodologia de Investigação e estrutura do trabalho	7
Capítulo 1: O “Lugar” como modelador projectual	9
1.1. Definição de Lugar.....	11
1.2. De que forma se podem distinguir os lugares?.....	13
Capítulo 2: A Importância do Lugar	15
2.1. Introdução ao tema.....	17
2.2. Siza Vieira.....	19
2.3. Souto Moura.....	31
2.4. Fernando Távora.....	39
Capítulo 3: A Quinta da Conceição	51
3.1. Enquadramento urbano	53
3.2. Estudo do lugar da Quinta da Conceição	57
Capítulo 4: O Projecto	67
4.1. Apresentação do programa proposto para a escola de dança.....	69
4.2. Memória descritiva.....	71
Capítulo 5: Considerações Finais	79
5.1. Conclusão	81
Bibliografia	83
Índice de imagens	89
Crédito de imagens	93
Anexos (projecto escola de dança)	97

INTRODUÇÃO

Apresentação do Tema

“Você não pode simplesmente introduzir algo novo em um lugar. É preciso absorver o que você vê ao redor, o que já existe no terreno, e, então, usar esse conhecimento, em combinação com o pensamento contemporâneo, para interpretar aquilo que vê.”¹

Antes de se projectar algo, até mesmo de se idealizar uma forma projectual para um espaço, deve-se estudar muito bem o local, desde o seu passado, as evoluções que sofreu, a forma do terreno, e até mesmo as construções e espaços envolventes ao lugar em causa.

Desta forma, no âmbito da conclusão do Mestrado Integrado em Arquitectura, pretende-se fazer um estudo aprofundado ao lugar da Quinta da Conceição, na freguesia de Leça da Palmeira, e à sua envolvente, onde primeiramente, será feita uma abordagem a diferentes lugares, “interpretar o espaço” para poder explicar a implantação do edifício presente no local. É pretendido utilizar o lugar como principal orientador para a formação dos edifícios.

Na arquitectura tudo tem uma razão de ser, e aqui, o objectivo principal é descobrir de que maneira o lugar influencia a organização e forma de um edifício. Aqui, abordamos arquitectos conceituados como Siza Vieira, Fernando Távora e Souto Moura, de modo a perceber a forma de pensar ao se depararem com o sítio onde pretendem projectar.

É pretendido aproveitar todo o estudo feito em volta do “lugar”, para explicar a evolução do edifício pensado para a disciplina de Projeto, uma escola de dança localizada na Quinta da Conceição em Leça da Palmeira. Pretende-se demonstrar de que maneira, este, influenciou na forma do edifício, na disposição do programa, nos percursos e até mesmo na escolha dos materiais a serem utilizados.

Em suma, é feita uma reflexão sobre tudo que foi falado anteriormente, com o objectivo final de perceber a importância do “lugar”, neste caso da Quinta da conceição e o que se encontra ao seu redor e a relação que este tem com o edifício projectado para lá, a escola de dança.

¹ Laura S, Dushkes (2014). Citação de Ando, Tadao (1941). Palavras de arquiteto, citações, ironias e doses de sabedoria. (p.76). São Paulo: Gustavo Gili.

Objetivos

Na presente dissertação, é pretendido fazer uma investigação em volta do “lugar”, de maneira a podermos perceber de que forma este pode influenciar um projecto. É então desta forma que tentamos compreender a relação, a ligação lugar-projecto.

Para tal iremos proceder a um primeiro processo de compreensão do significado de lugar, para depois o estudar em diferentes regiões, para perceber o que altera que poderá influenciar uma edificação.

Constitui como nosso objectivo, também, debruçarmo-nos sobre algumas obras de diferentes arquitectos e recolher o máximo de informação relativamente à importância que estes deram ao lugar para a implantação dos edifícios.

Por fim, perceber o lugar onde é pretendido implantar a proposta da disciplina de projecto, e fundamenta-la, com o intuito de entender a real importância que deve ser dada ao “lugar”.

Metodologia Adotada

Sendo o objectivo principal perceber a importância do lugar para a implantação dos edifícios, pretende-se abordar diferentes escritores e arquitectos que tentam perceber o significado de lugar e de que forma influencia o homem e vice versa.

Uma vez decifrado o significado de lugar, é pretendido ir para “o terreno”, abordar diferentes arquitectos e obras cujo lugar foi um pilar para o resultado conseguido. Para tal será feita uma pesquisa referente a arquitectos conceituados que se identifiquem como pretendido neste documento. Posteriormente serão seleccionadas algumas obras, fruto de uma pesquisa em bibliotecas, teses, revistas e internet, que serão exploradas ao máximo.

Por fim, realizou-se um cruzamento de estudos referentes à Quinta da Conceição focando nos aspectos do “lugar”, para poder justificar a implantação da proposta da disciplina de projecto.

Estrutura do Trabalho

De maneira a poder explorar ao máximo a importância do Lugar para a implantação e formação dos edifícios pretende-se estruturar o documento da seguinte forma:

- 1 Definição de Lugar
2. De que forma se podem distinguir os lugares?
- 3 Utilização de obras de arquitectos conceituados para explicar de que forma o lugar conseguiu moldar a organização e desenho do edifício.
- 4 Enquadramento urbano da Quinta da Conceição
- 5 Evolução urbana da Quinta da Conceição
- 6 O edifício, as preexistências e o seu valor intrínseco
- 7 O quarteirão e as relações de proximidade (vizinhança)
- 8 O projecto da escola de dança em Leça da Palmeira
- 9 Conclusão

CAPITULO 1: O “LUGAR” COMO MODELADOR PROJECTUAL

Definição de lugar

Muitos são os arquitetos e filósofos que se debruçam sobre o conceito de lugar! Mas no final de contas o que é o lugar? O que o define? Existem diferentes tipos de lugares?

Para podermos responder a todas estas questões temos de começar por perceber a origem desta palavra, devemos perceber a sua etimologia. Segundo o dicionário etimológico da língua portuguesa, a palavra “lugar”, deriva do latim “locãle”, tendo evoluído até à língua portuguesa como “logar”, cuja etimologia remete à palavra latina “locãre”, que significa “colocar, dispor, estabelecer, alugar”².

Quanto à sua definição, esta, pode ser abordada de duas formas, uma de um ponto de vista mais analítico-racional e outra de um ponto de vista mais simbólico.

Começando pela abordagem analítico-racional, segundo a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, lugar é “Parte do espaço que ocupa um corpo: qualquer objecto ocupa um lugar; (...) Sítio onde está qualquer coisa (...) Porção de espaço, abstraindo do corpo que o pode ocupar e considerando quanto às suas dimensões, a sua situação, o seu destino, as suas particularidades presentes, passadas ou futuras”³.

Da mesma forma que a Enciclopédia atrás descrita, o Dicionário Compacto da Língua Portuguesa, também define a palavra lugar como “Parte do espaço que um corpo ocupa. Sítio onde está qualquer coisa.”⁴, assim como Dicionário Universal da Língua Portuguesa, “espaço ocupado; localidade; terra; povoado; ponto de observação”⁵.

² Machado, José Pedro. (3º ed.). (1997). Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. Com a Mais Antiga Documentação Escrita e Conhecida de Muitos Vocábulos, vol.III. Lisboa: Livros Horizonte.

³ Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol. XV. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia Limitada.

⁴ Silva, António de Morais (1999). Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa, vol. III. Editorial Confluência.

⁵ Dicionário Universal da Língua Portuguesa. (2005). Texto Editores.

Colmatando as definições anteriores, a Infopédia, define-o como “espaço ocupado por um corpo; sítio; local; posição; ordem; uma localidade; uma pequena região”.

Assim sendo, o “lugar” é abordado como uma perspectiva física, é visto como um lugar geográfico definido pelas suas coordenadas, moldado pela sua geologia, topografia, clima e que expressa uma ligação muito forte ao Homem, tornando-o modelador do “lugar” a partir das suas construções.

Por outro lado, temos o “lugar” com uma vertente mais simbólica, onde arquitectos, historiadores e teóricos como Christian Norberg-Schulz, Kenneth Frampton e Josep Maria Montaner, que defendem a existência de um “espírito”, um “genius”, premissa esta que adquiria a essência e o carácter do lugar. O lugar toma uma posição como aglomerado de elementos que transmitem um significado.

Christian Norberg-Schulz, escreve várias obras onde faz um maior enfoque sobre o lugar, entre os quais o “Genius Loci”. Aqui, utiliza o próprio título como base, um conceito romano, do latim, que significa Espírito do Lugar. Este defende a importância do lugar para a arquitectura, pois trata-se mais do que um espaço para construir, um local geográfico, é um delineador do habitar humano, “o acto fundamental da arquitectura é compreender a vocação do lugar”⁶.

Insatisfeito com a vaga definição de lugar, debruça-se sobre um estudo fundamentado numa filosofia existencialista, mais propriamente de um filósofo existencialista chamado Heidegger. Este, defende que uma vez que o homem pretende habitar em determinada terra, deve perceber que se encontra automaticamente dependente também do céu. Isto é, o homem “habita entre dois mundos dicotômicos, o céu e a terra”, dois mundos completamente distintos, com características completamente diversificadas, mas que se complementam para criar o lugar. Mais do que compreendê-los separadamente, o homem deve compreender a relação existente entre eles, pois “sobre a terra já significa sob o céu”.⁷

“Terra é o detentor servente, florido e frutífero, dispersando-se em rocha e água, erguendo-se em planta e animal (...). O céu é o caminho abobadado do sol, o curso das mudanças lunares, o brilho das estrelas, as estações sazonais, a luz e o crepúsculo do dia, a escuridão e o brilho da noite, a bonança e a não-bonança do clima, as nuvens flutuantes e o azul profundo do éter.”⁸

⁶ Nesbitt, Kate (1965-1995). Uma nova agenda para a arquitectura: antologia teórica. 2ª ed. Ver. (p.443) São Paulo: Editora CosacNaify.

⁷ Heidegger, Martin (1971). “Language”. In: Poetry, language, thought, (p.149), Apud NORBERG-SCHULZ, Christian. Genius Loci, (p.10)

⁸ Heidegger, Martin (1971). “Language”. In: Poetry, language, thought, (p.149), Apud NORBERG-SCHULZ, Christian. Genius Loci, (p.5)

Iluminado pelo estudo de Heidegger, Norberg-Schulz idealiza um conceito de habitar, algo mais que um abrigo, algo que é conferido ao homem através da relação entre este e o seu meio através da percepção e do simbolismo, ao qual ele denomina de suporte existencial.

O arquiteto, pretende demonstrar que cada lugar tem um carácter muito próprio, o qual ele intitula de “Genius Loci”, fruto da relação entre dois elementos distintos, o espaço (terra) e o carácter (céu), que uma vez analisadas do ponto de vista da percepção e do simbolismo, ganhará o suporte existencial, podendo então o homem “ser capaz de orientar-se (...), saber onde está. Mas também ele tem que identificar-se com o meio, isto é, ele tem de saber como ele está num certo lugar”⁹. Só assim o homem ganhará a capacidade de habitar.

Sendo o elemento espaço (terra), o elemento mais estável, apesar das suas transmutações ao longo do ano, Norberg-Schulz analisa-o segundo as suas características morfológicas, entre as quais: “elementos constituintes (descrição e caracterização); relação interior x exterior (relação entre o lugar e o seu entorno); extensão (topografia); limites (fechamentos horizontais e os verticais, forma e volume do espaço); escala/proporção (macro, média, micro); direcções (orientação solar, sentidos horizontal e vertical) e ritmo (tempo, caminhos, centro e domínio).”¹⁰

Já o carácter (céu), elemento mais instável, dependente do tempo, das estações sazonais e do clima, é analisado por dois aspectos: “(a) constituição qualitativa (qualidade da luz, da cor e classificação) e (b) constituição quantitativa (quantidade da luz).”¹¹

Assim sendo, para Norberg-Schulz, o lugar é uma “totalidade formada por coisas concretas com substância material, forma, textura e cor. Juntas, estas coisas determinam um “carácter ambiental”, que é a essência do lugar.” “Em geral, a natureza forma ampla e extensa totalidade, um “lugar” que, de acordo com as circunstâncias locais, possui uma identidade peculiar.”

Kenneth Frampton, na mesma linha de pensamento, vem reivindicar as raízes dos lugares. Numa altura em que o país se encontrava a evoluir a nível construtivo, fruto do aparecimento de novos materiais, onde a universalização se tornou importante para avanço da humanidade, o arquitecto surge opondo-se a toda esta homogeneização da paisagem construtiva, com uma abordagem “regionalista crítica”. Aqui, “o “lugar” é enfatizado como região que configura uma unidade cultural” e há uma tentativa de

⁹ Heidegger, Martin (1971). “Language”. In: Poetry, language, thought, (p.149), Apud NORBERG-SCHULZ, Christian. Genius Loci, (p.19)

¹⁰ Alves, Luiz Augusto dos Reis (2007). Revista arquitextos-o conceito de lugar.

¹¹ Idem

“desconstruir o modernismo universal a partir de imagens e valores localmente cultivados.”¹²

Em “Historia critica da Arquitectura Moderna”, Frampton explica que “o conceito de cultura local ou nacional é uma proposição paradoxal, não só pela antítese óbvia entre a cultura enraizada e a civilização universal, mas também porque todas as culturas, antigas e modernas, parecem ter dependido para o seu desenvolvimento intrínseco, de uma certa fertilização cruzada com outras culturas”.¹³

Desta forma, pretende criar uma “visão teórica alternativa que sirva para dar continuidade ao exercício crítico da arquitectura”, assim como evocar “uma arquitectura que seja capaz de condensar o potencial artístico da região e, ao mesmo tempo, de reinterpretar as influências culturais vindas de fora”. Para tal, tenta tirar o máximo partido do lugar, onde elementos como a topografia, a luz natural, o clima e os materiais locais se tornam importantíssimos para esta abordagem “regionalista”, que colmatados com “práticas contrutivas regionais” tornam a arquitectura “mais correcta do ponto de vista ecológico, além de diferenciada do ponto de vista estético”.¹⁴

Em suma, Frampton defende o Regionalismo Crítico como promoção de valores de registo local (Regionalismo), ao nível da linguagem internacional (Crítico). Pois, não se conforma com a universalização cultural, e assume uma posição onde o reconhecimento da validade dos valores culturais regionais conjugado com uma consciência dos valores internacionais.

Josep Maria Montaner, debruça-se sobre um estudo contextualista cultural, influenciado por Norbeg-Schulz e Kenneth Frampton, onde o lugar é “definido por substantivos, pelas qualidades das coisas e dos elementos, por valores simbólicos e históricos, é ambiental e está fenomenologicamente relacionado com o corpo humano”.¹⁵ Os contextualistas procuram na tradição do lugar e na cultura do lugar os valores que orientam a sua produção, começando a entender o “espírito do lugar” (Genius Loci) como ponto de partida para a criação projectual.

O arquitecto propõe então uma “mediação entre o novo e o velho, entre a tradição e a modernidade”. Numa tentativa de conciliar o tecido urbano com a forma urbana, é defendido que “os espaços urbanos sólidos (os volumes dos edifícios) e os espaços urbanos vazios (da rua e da praça) podem ser figurativos”, introduzindo algum carácter

¹² Nesbbit, Kate (2008). Uma nova agenda para a arquitectura: antologia teórica, 2ª ed.,(p.506), São Paulo: Editora CosacNaify

¹³ Frampton, Kenneth (1996). Historia Critica da Arquitectura Moderna, 8ª ed. (p.318), Barcelona: Editoria Gustavo Gili

¹⁴ Nesbbit, Kate (2008). Uma nova agenda para a arquitectura: antologia teórica, 2ª ed.,(p.503), São Paulo: Editora CosacNaify

¹⁵ Montaner, Josep Maria (2000). Introduccion a la arquitectura. Conceptos fundamentales, (p.101). Barcelona:Editorial UPC

na cidade e criando “um meio-termo entre um passado irrealista congelado, que não admite nenhum desenvolvimento, e a renovação urbana que destrói toda a estrutura da cidade”.¹⁶

Desta forma, Josep Montaner defende uma teoria paralela à de Frampton, só que não tão “obcecado” com a relação com a cultura local, pois a seu ver, “a atitude de resistência de Frampton levou-o a cometer alguns erros, tais como a defesa do regionalismo crítico”. Para o arquitecto, as cidades devem manter o seu Genius Loci, assim como a sua relação com a cultura local, mas também não devem estagnar no tempo, uma vez que “em toda a obra pode haver um mínimo e um máximo percentual de relação com a cultura local”.¹⁷

¹⁶ Nesbitt, Kate (2008). Uma nova agenda para a arquitectura: antologia teórica, 2ª ed.,(p.323), São Paulo: Editora CosacNaify

¹⁷ Montaner, Josep Maria (2000). Introducción a la arquitectura. Conceptos fundamentales, (p.136). Barcelona:Editorial UPC

De que forma se podem distinguir os lugares?

Na arquitectura contemporânea, a noção de lugar não é concreta nem objetivamente definida. Pois, para cada um de nós o mesmo lugar transmite sentimentos diferentes. E, é por isso que cada lugar é um especial cenário de múltiplos projetos do homem, em que este idealiza as suas experiências e sentimentos do lugar envolvente, tornando num lugar único e próprio, impossível de replicar.

“Cada lugar é recordado na medida em que se converte em lugar de afectos ou na medida em que chegamos a identificar-nos com ele”.¹⁸

E por isso, o objetivo fulcral é relacionar concomitantemente o triângulo: LUGAR – HOMEM – ARQUITETURA.

“Você não pode simplesmente introduzir algo novo em um lugar. É preciso absorver o que você vê ao redor, o que já existe no terreno, e, então, usar esse conhecimento, em combinação com o pensamento contemporâneo, para interpretar aquilo que vê.”¹⁹

Quando pensamos no planeta Terra, somos iluminados por diferentes tipos de paisagens, desde paisagens de locais muito quentes, como o deserto de Saara, até paisagens de locais muito frios, como a Antártida.

Mas afinal o que torna estes lugares tão próprios?

Cada lugar é caracterizado pelos seus elementos físico e a relação entre si vai originar as diferentes paisagens e cenários.

O nosso planeta é composto por quatro elementos naturais: água, terra, ar e fogo. Em que estes quatro elementos da Natureza surgem como uma relação íntima entre si, formando uma espécie de puzzle. Num jogo de uma comunhão autêntica de pura beleza do

¹⁸ Rossi, Aldo (2013). Autobiografia científica, (p.95). Edições 70

¹⁹ Laura S, Dushkes (2014). Palavras de arquiteto, citações, ironias e doses de sabedoria, (p.76). São Paulo: Gustavo Gili

nosso planeta, com locais montanhosos, onde alguns são vulcânicos, outros onde existe uma abundância enorme de água sem qualquer tipo de terra, os oceanos, e os outros onde acontece o contrário, há uma escassez tremenda de água, dando origem aos desertos. Uma vez composta a Terra, localiza-la no espaço solar é importante, pois sendo o sol o centro da nossa Galáxia, obriga o nosso planeta a estar constantemente a circunda-lo, que somando a rotação do nosso planeta sobre si mesmo, faz com que alguns locais seja, mais iluminados pelo sol do que outros, dando origem a diferentes climas.

“A floresta nórdica (...) o chão é raramente contínuo (...) tem uma variedade de relevos; pedras e depressões, arvoredos e clareiras, arbustos e tufo (...). O céu é dificilmente experienciado como uma hemisfera global, pois ele é espremido por entre os contornos das árvores e pedras, e muitas vezes modificado pelas nuvens. O Sol é relativamente baixo e cria uma variedade de spots de luz e sombra, as nuvens e vegetação funcionam como “filtros”. A água está sempre presente como um elemento dinâmico (...). A qualidade do ar está em constante movimento, da neblina húmida até o refrescante ozônio”.²⁰

Já, a paisagem do deserto do Saara é descrito como: “A infinita extensão da monotonia do chão árido; a imensa abobada que abraça o céu sem nuvens (...) o Sol escaldante que quase dá uma luz sem sombra; a secura, o ar quente (...) O pôr-do-Sol e o amanhecer conectam dia e noite sem os efeitos transacionais da luz, e criam um simples ritmo temporal”.²¹

A correlação entre os pontos anteriores, cria uma explosão de diferentes lugares, lugares estes que podem ser identificados pela sua localização geográfica, um dos principais elementos caracterizadores do lugar.

Uma vez identificada a localização geográfica, e aumentando o enfoque no local, outros elementos surgem como delineador do lugar, exemplo disso é a sua caracterização geológica. O tipo de solo, é um factor de verdadeira importância, pois é ele que define o tipo de terreno, podendo ainda vir a ser fértil ou infértil.

Outras características com bastante importância é a historicidade do lugar ou do próprio edifício, a geometria do local, a vegetação, a orientação solar, a precipitação, o próprio clima do lugar, a topografia do lugar, pois é esta que determina as variações do relevo e os acidentes geográficos, como ainda o estudo aprofundado da geologia e geotecnia.

²⁰ NORBERG-SCHULZ, Christian. *Genius Loci*, (p.42)

²¹ NORBERG-SCHULZ, Christian. *Genius Loci*, (p.45)

É o interlaçar de todas estas características que tornam os lugares tão próprios, cada um com a sua importância. São elas que dão uma identidade, tomando posse de uma parte do mundo.

“ter uma identidade significa, de facto, ter tomado posse de um mundo, compreendido com um acto identificação.”²²

²²Norberg-Schulz, Christian (1987). “Luogo e identità em Centro Storico, Restauro o Progetto. La Casa Usher. Florença: fundazione Michelucci”. Cf.: Aguiar, José. (2002) “Cor e Cidade Histórica-Estudios cromáticos e conservação do património”. (p.115). Porto: Ed. FAUP.

CAPÍTULO 2: A IMPORTÂNCIA DO LUGAR

A IMPORTÂNCIA DO LUGAR

O conceito de lugar tem vindo a ser um tema bastante discutido, pois ao longo dos anos tem vindo a ganhar cada vez mais importância, tem vindo a ter cada vez mais ênfase, tendo mesmo até se tornado uma das premissas da arquitectura portuguesa e modelador de obras de arquitectos como Siza Vieira, Souto Moura e Fernando Távora.

Como tal, iremos abordar uma obra de cada um destes arquitectos, de maneira a conseguirmos perceber de que forma o lugar irá influenciar a sua concepção. Iremos entender as dificuldades com que estes se depararam e perceber de que forma as solucionaram.

“o Projecto nasce do conhecimento do lugar”²³

²³ Esposito, Antonio, Leoni, Giovanni. (2005). Fernando Távora: Opera Completa. (p.32). Milano: Mondadori Electa.



Siza Vieira

“A ideia é captar para o interior o exterior de uma forma intensa”²⁴

Figura 1 - Álvaro Joaquim de Melo Siza Vieira

²⁴ Siza, Alvaro em entrevista a J. Adrião e R. Carvalho- JA, (Morada), nº224. Lisboa: Julho-Setembro 2006

Na década de 50, a Câmara Municipal de Matosinhos, lança um concurso de anteprojectos cujo objectivo seria desenvolver um programa de valorização turística da zona costeira de Matosinhos. É então, que uma equipa de arquitectos do atelier de Fernando Távora, chefiada pelo arquitecto Siza Vieira, vence o concurso com um projecto completamente inovador, diferente de qualquer outra proposta, onde a “atitude moderna que presidiu ao projecto, é a de um certo compromisso perante os valores “naturais” do sitio”²⁵.

Tudo começou a partir da escolha do local de implantação, definido por Fernando Távora, um local ilógico do ponto de vista estrutural, uma vez que seria na encosta rochosa de Leça da Palmeira, mas que no final de contas foi esta característica que mais o destacou.

“A Casa de Chá adquire uma poética de lugar na qual se dissimula entre os rochedos, ao mesmo tempo que os coloca em evidência como elementos fundamentais da arquitectura, apoiando-se neles, e ao mesmo tempo dando-lhes vida própria: tornando-os algo mais que apenas elementos minerais. O obstáculo físico daquele espaço torna-se parte integrante da Casa de Chá, e em troca, tornam a existência da mesma em algo que aparentemente, sempre pertenceu ali.”²⁶

Ainda na década de 50, o Sindicato Nacional dos Arquitectos levou a cabo uma pesquisa denominada Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa, cujo intuito seria efectuar “um levantamento sistemático da construção popular portuguesa, já então prestes a desaparecer, realizado de norte a sul do país. Dividido por regiões geográficas coube a diferentes equipas de arquitectos o estudo de uma área delimitada num total de seis zonas (Minho, Trás-os-Montes, Beiras, Estremadura, Alentejo e Algarve).”²⁷

Tendo sido Fernando Távora, um grande influenciador neste inquérito, siza, como seu aprendiz absorve todas as ideias e perspectivas do seu tutor em relação ao lugar, e à

²⁵ Siza, Álvaro. (1999). Casa de Chá da Boa Nova. (p.29). Lisboa : Editorial Blau.

²⁶ Bártolo, Luis Carlos Barreiros Bártolo. (2018). A Casa de Chá Boa Nova, uma reflexão, (p.21). Universidade Lusiana de Lisboa

²⁷ Disponível em: <http://www.oapix.org.pt/300000/1/index.htm>

arquitetura local, desenvolvendo os seus projectos a partir das suas referências e da sua formação.

“Do ponto de vista técnico, uma escolha duvidosa, sendo que de todos os lugares, um “monte” de rochas? Tendo em conta as dificuldades construtivas que iriam surgir deste local, porquê a escolha?”²⁸

Siza questionasse em relação ao local escolhido, à importância que aquele lugar teria com uma construção naquele lugar. De que forma poderia pegar naquela envolvente rochosa e convertê-la a seu favor!

“Não se deixa intimidar pelo temor do Mar, nem das Rochas, nem do Céu, nem da Tempestade. A Terra e o Divino, colocados em evidência por uma obra-prima que não só os une como os doma, mas sempre com um profundo respeito pela sua existência.”²⁹

Para o arquitecto Siza Vieira, antes de se dar início ao planeamento do projecto, deve-se ter um encontro com o local, de maneira a perceber a sua envolvente e a cima de tudo ter noção do impacto que qualquer pessoa teria ao se deparar com o local que se pretende projectar.

Assim sendo, Siza desloca-se até ao local onde se idealizava projectar e depara-se com um lugar bastante calmo, repleto de natureza, onde o mar se encontrava com a terra apenas separados por um monte rochoso (figura 2). Aqui, a presença humana era quase nula, continha apenas um farol (figura 3), uma capela (figura 4) e uma estrada (figura 5). Como tal, a ligação à natureza para o arquitecto seria inevitável. É então que Siza decide não só criar uma ligação com a natureza, mas sim torna-lo parte da natureza. Da mesma forma que as rochas brotavam naquela planície, o edifício também deveria emergir do solo sem nunca quebrar aquela harmonia criada pela natureza.

Desenvolve desta forma uma singularidade, algo que nunca se poderia repetir noutro local ou de outro modo, sem a sua pré-existência, as rochas, o promontório, a capela, o mar e o horizonte, tornam-se elementos vitais para a Casa de Chá. E Siza dá ênfase a estes elementos ao colocar, em pontos-chave da Boa Nova, elementos que estendem estas ligações para o interior. Nunca deixamos de estar em confronto com os elementos exteriores que compõem esta singularidade.

²⁸ Bártolo, Luis Carlos Barreiros Bártolo. (2018). A Casa de Chá Boa Nova, uma reflexão, (p.82). Universidade Lusíada de Lisboa

²⁹ Bártolo, Luis Carlos Barreiros Bártolo. (2018). A Casa de Chá Boa Nova, uma reflexão, (p.82). Universidade Lusíada de Lisboa



Figura 2 – Rochedos junto à Casa de Chá da Boa Nova



Figura 3 – Farol da Boa Nova



Figura 4 - Capela de S. Clemente das Penhas, Leça da Palmeira



Figura 5 – Avenida da Liberdade, Leça da Palmeira

Surge, então, no final do caminho pedonal que acompanha a marginal de Leça da Palmeira em direção a Perafita, a Casa de Chá, “cuidadosamente integrada num afloramento rochoso que, em certos locais, quase parece invadir o espaço interior”³⁰.

Uma vez tratar-se de um lugar, cuja topografia continha características muito particulares, Siza decide tomar partido dessa singularidade que definia o lugar e a partir daí desenvolver a volumetria do edifício, integrando cuidadosamente o programa pretendido, dando origem a um edifício cuja volumetria se torna bastante irregular. (figura 6)

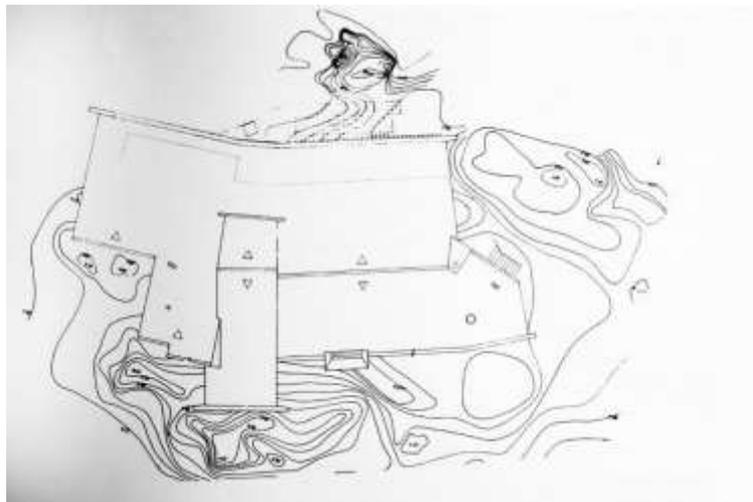


Figura 6 – Planta de Implantação com Curvas de Nível

³⁰Jodidio, Philip. (2003). Álvaro Siza: The Work of Álvaro Siza. (p.15). Taschen.

Vista de longe, conseguimos perceber a expressiva e dinâmica volumetria da Casa de Chá. Mas, uma vez mais próximos, somos pontualmente deslumbrados com pequenos “fracções” do edifício, sem que nunca seja revelada toda a sua volumetria, sempre pontuada com um telhado tradicional daquela região, resultado da aprendizagem do seu mestre Fernando Távora, reafirmando desta forma a natureza, valorizando os métodos construtivos locais. Criando assim um processo criativo onde demonstra que a arquitectura nasce da natureza e ao mesmo tempo que a natureza e a obra se alimentam mutuamente.

“pontoada pelos volumes de canto e da chaminé; ideia na maneira de entrar que faz chegar a uma esplanada árida, trepar entre rochas, “baixar a cabeça” sob o alpendre, penetrar e descer entre o denteado de um tecto, e o ritmo marcado entre as paredes; ideia ainda no espantoso deambulatório que é a cozinha, episódio dos mais impressionantes de qualidade espacial que se terão feito cá; ideia ainda na leitura das rochas e do terreno obtida de dentro, na sala mais encerrada.”³¹



Figura 7 – Percurso até a Casa de Chá da Boa Nova

Para o acesso ao edifício, o arquitecto decide de certa forma repetir o percurso feito pela estrada ao ver o mar e as rochas através de uma plataforma em escada sem guardas, o que leva as pessoas a estarem mais próximas do muro que os conduzira, sempre com uma vista abrupta do mar, até ao edifício.

³¹ Siza, Álvaro. (1999). Casa de Chá da Boa Nova. (p.29). Lisboa : Editorial Blau.



Figura 8 – Enquadramento da Casa de Chá no terreno

Para tomar o máximo partido do lugar, Siza decide enterrar o edifício de maneira a não se tornar tao perceptível, utilizando as rochas já existentes no local para conduzirem o nosso olhar até a entrada.



Figura 9 – Entrada da Casa de Chá da Boa Nova

Entrada esta marcada por um alpendre bastante baixo que o torna acolhedor e chamativo para as pessoas se abrigarem.

Já no interior, Siza sente a necessidade de usufruir de três elementos naturais, o mar, o céu e a terra. Elementos estes que se encontram a rodear o edifício. Para tal, fruto de um estudo relativo à orientação solar e de um jogo feito com a cobertura, são criados “quadros” da natureza, surgem grandes e pequenas aberturas que captam para o interior toda aquela harmonia criada pela natureza, dando a ideia de que ainda nos encontramos no exterior, cultivando assim a ligação exterior-interior. Exemplo disso são as janelas com que nos deparamos no átrio de entrada. Uma mais pequena na linha dos nossos olhos, cuja abertura nos deslumbra com a linha do horizonte, local onde o céu e o mar se tocam, e mais a baixo, no final da escadaria um novo quadro, cuja dimensão é bastante maior, mostrando as rochas e a terra, usufruindo deste modo ao máximo da paisagem.(Figura 12)

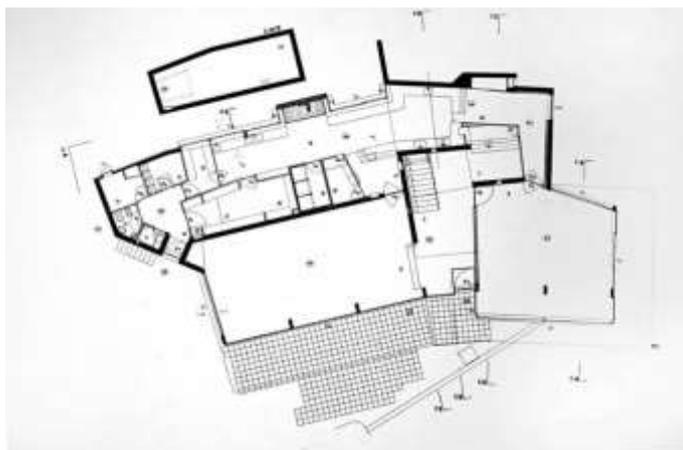


Figura 10 – Planta do piso -1 da Casa de Chá da Boa Nova

Cruzando com a deslumbrante paisagem, Siza Vieira, tenta tirar o máximo partido da luz natural, um dos principais elementos, dando vida e ao mesmo tempo “saturando” algumas partes do edifício, criando uma mescla de sentimentos. Para tal, cria claraboias, umas com luz directa e outras onde a luz surge refletida pela madeira, revestimento presente em grande parte do interior do edifício. Este, cria também grandes envidraçados a oeste, onde a cobertura surge bastante saliente, evitando ao máximo a luz directa proveniente do por do sol.

Siza, controla de tal forma o modo como luz natural entra no edifício, que consegue dar a cada divisória um ambiente muito próprio. Exemplo disso é o salão restaurante onde são criadas duas formas distintas de luz. Uma delas pela grande janela a nascente, janela esta que se percebe haver a possibilidade de recolher para um espaço existente no subsolo, dando origem a um terraço (Figura 13), espaço de transição do interior para o exterior, e outra a poente, cujo o tamanho é significativamente menor, que se desdobra em outros dois pormenores de iluminação, uma direccionada para a cozinha e outra para a sala. Desta forma, consegue criar neste espaço um ambiente chamativo, repleto de alegria, mas sem grandes exageros.

Outro exemplo é o bar, local onde a luz natural é nula, criando um espaço mais “sombrio”, um espaço cujo ambiente se sente pesado, tornando-se um refugio para as pessoas que se encontrarem mais depressivas, possibilitando que estes “afoguem” ali as suas mágoas.

Um dos aspectos que facilitou a incorporação do edifício no local foram os materiais utilizados. O edifício é construído todo em betão sendo a cobertura camuflada

com lajes de madeira e com as telhas em barro proporcionando aos visitantes, um jogo de “revelar e ocultar”³².

Em suma, a Casa de Chá da Boa Nova nunca seria o projecto que é, se Távora não tivesse escolhido aquele lugar rochoso como ponto de partida. É graças à complexidade do terreno, que Siza é obrigado a contornar e abraçar as dificuldades, dando fruto ao atual edifício, ícone da arquitetura portuguesa, tão singular e único. Desta forma, torna-se uma referência para a arquitetura futura pela coerência e difusão com os elementos que o rodeiam, tornando-se parte do lugar, como se sempre lá tivesse existido.

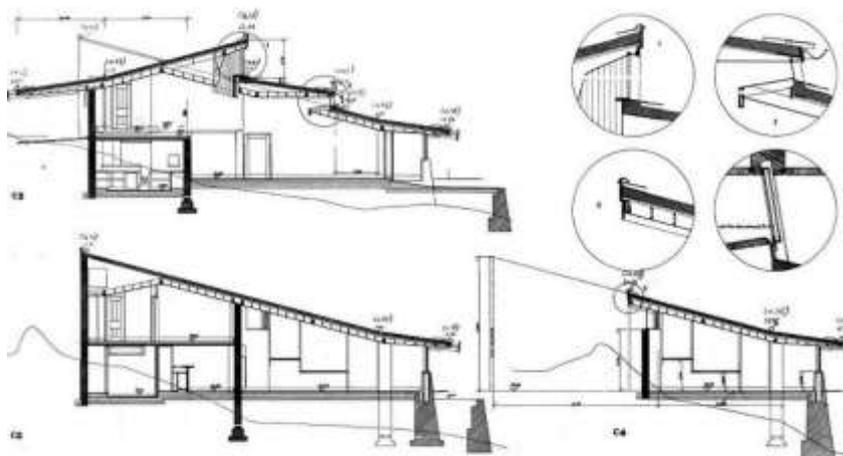
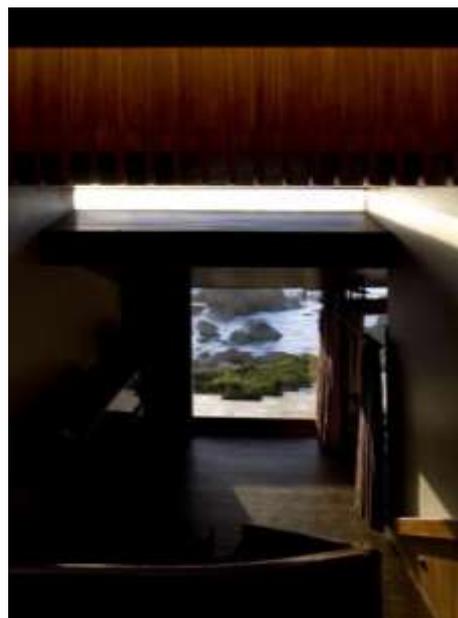
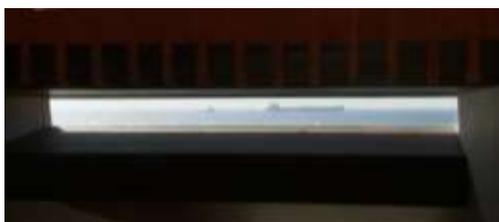


Figura 11 – Diferentes Entradas de Luz no Edifício



³² Soares, Luciano Margotto. A arquitetura de Álvaro Siza. (p. 43). cita Martins Barata, Paulo - Álvaro Siza 1954-1976



Figura 12– Janelas do hall de entrada da Casa de Chá da Boa Nova



Figura 13 – Abertura da Sala de Jantar para o Átrio



Figura 14 – Vista da Sala de Chá



Souto de Moura

“Recuperar uma ruína para casa de fim-de-semana com dimensões mínimas, foi o pedido do cliente. Consolidar a ruína como jardim fechado e fazer a casa ao lado foi a base do projecto.”³³

Figura 15 – Eduardo Souto de Moura

³³ Moura, Eduardo Souto de. (2006). Vinte e Duas Casas. Milheiro, Ana Vaz; Afonso, João; Nunes, Jorge (ed.). (p.61). Lisboa, Ordem dos Arquitectos.

Em 1990, é proposto ao arquitecto Souto Moura, o planeamento de uma pequena casa de fim de semana, na encosta do rio Douro, em Baião, para um casal com duas crianças. Uma das especificações pedidas pelo cliente, foi que esta tivesse um carácter de abrigo criando uma relação com as ruínas já ali existentes.

Tendo em conta o pedido do cliente, Souto Moura, decide tomar o máximo partido do lugar, utilizando não só, como requerido, as ruínas, mas também a própria topografia para incorporar o edifício no terreno, criando uma relação com tudo que o rodeia.

“Sem recorrer a uma imagem demasiado evidente, o que levantaria problemas de “concorrência” impossível com a grandiosidade da paisagem onde a obra se insere, esta não se anula, transformando-se em elemento activo que passa a “pertencer” a essa mesma paisagem.”³⁴

Uma vez compreendido o lugar, o arquitecto debruça-se sobre o planeamento e organização da casa, pois seria pretendido criar uma relação entre diferentes realidades, o construído e a natureza, que caso não ocorresse, criaria um desequilíbrio enorme.

De maneira a poder respeitar e valorizar o que se encontra a sua volta, Souto Moura, decide encostar a casa à ruína ali existente e implantar o edifício, conforme a topografia do local, tornando a cobertura acessível, repleta de vegetação, tornando-a assim, o mais natural possível.

Desta forma, é procurado minimizar o impacto entre o novo e o antigo, evitando tirar o simbolismo e protagonismo da ruína, assumindo-a como um espaço de estar, convívio e de contemplação.

“Recuperar uma ruína para casa de fim-de-semana com dimensões mínimas, foi o pedido do cliente. Consolidar a ruína como jardim fechado e fazer a casa ao lado foi a base do projecto.”³⁵

³⁴ FERNANDEZ, Sérgio, (1930/1974). Percurso, arquitectura portuguesa (p.156). 2º ed. Porto: FAUP,1988

³⁵ TRIGUEIROS, Luiz, (1996). Eduardo Souto Moura (p.150). 2ª ed. Lisboa: Blau. ISBN 972-8311-05-2

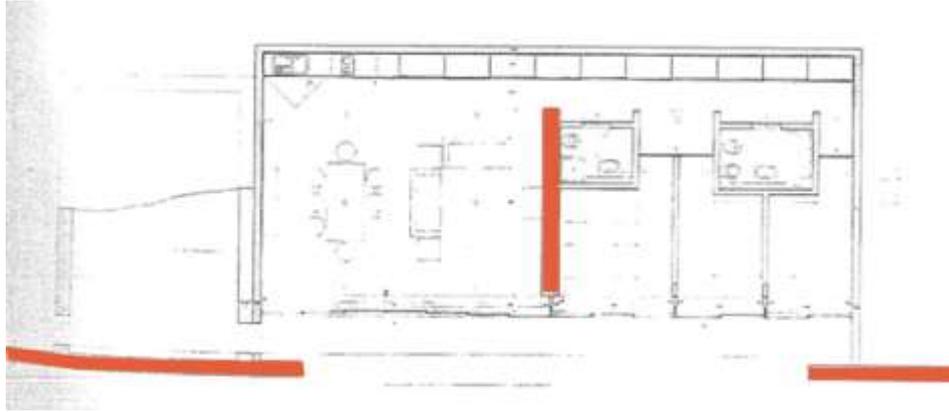


Figura 16 – Planta da Casa de Baião demonstrando a colocação do muro exterior no interior como parede divisória

Já no interior, a casa com apenas um piso, apresenta uma planta rectangular, dividida por um fragmento do muro existente que agora cumpre a função de diferenciar e separar a área social da área individual da casa. Tendo em conta, o interesse entre a dialética entre a natureza e o edifício, o arquitecto, decide intensificar esta relação, utilizando como ponte conectora a ruína, visto tratar-se de um tipo de arquitectura que não é forçado. O edifício primeiramente é encostado à mesma, criando a leitura da fachada mais fluida, mas Souto Moura decide que não bastava haver esta conexão exterior, também deveria haver uma conexão interior. Para tal, decide levar para o interior, parte dessa mesma ruína e utiliza-la como parede divisória do espaço comum e o espaço privado.

Na área social encontramos a zona de estar e a de comer, um armário que percorre a totalidade da parede posterior da casa, alojando nesta zona os equipamentos de cozinha e, na zona privada os roupeiros.

Já a área individual, uma área mais privada, toda ela interligada por um corredor nas traseiras, alberga três quartos voltados para a paisagem e duas instalações sanitárias,

Tendo em conta, a deslocação de parte do muro da ruína para o interior do edifício, fica em sobra um espaço, que é colmatado com um grande vão envidraçado espelhado, a sul, que facilita a entrada de luz natural, controlada pelo arvoredo presente. Este grande vão, torna-se então do interior para o exterior num “quadro vivo” de toda aquela paisagem para o rio Douro, e do exterior para o interior, numa forma de “camuflar” a casa.



Figura 17 – Fachada Frontal da Casa de Baião



Figura 18 – Vista da Casa de Baião

De maneira a enfatizar a relação com a natureza, Souto Moura, tira partido da topografia do terreno e aplica métodos construtivos a partir de materiais da região, combinando os aspectos tradicionais da alvenaria de granito com a estrutura do betão armado. “Esta casa segue esse processo construtivo, recorrendo às paredes maciças de pedra ou betão armado, enquanto sistema portante e ao plano de vidro, enquanto procedimento construtivo tectónico, para efectuar a distinção nítida entre estrutura e encerramento formal e espacial da casa.”

“Este modo de fazer edificios metálicos para depois os cobrir de pedra, ou de madeira (...) é perverso (...) porque é contra natura. Estou convencido que se vai voltar à adequação dos materiais, dos sistemas construtivos e da linguagem, porque não são tão independentes.”³⁶

A nível da cobertura, como referido anteriormente, Souto Moura aplica uma cobertura plana ajardinada, vegetação esta proveniente da escavação para a implantação, garantindo desta forma a continuidade e a relação com os elementos naturais da envolvente, conseguindo ao mesmo tempo manter uma temperatura constante na casa, aquecendo ou arrefecendo de uma forma natural o interior, graças ao solo capaz de conservar o calor.

³⁶ MOURA, Eduardo Souto, (2004). De lo Privado a lo Público: Cambios de Escala, extracto de una conversación con Eduardo Souto de Moura, (p.231). TC Cuasernos. N°64. Valencia: Generales de la Construcción. ISSN 1136-906X.



Figura 19 – Cobertura da Casa de Baião

Para colmatar o edifício com a natureza, o arquitecto, projecta a sul da nova construção, junto ao plano envidraçado, um terraço em cubo de granito, onde insere algumas árvores que servirão como barreiras naturais para condições climatéricas adversas, e ao mesmo tempo evitarão a excessiva exposição solar uma vez que o edifício está voltado a sul.

Há então aqui, uma revitalização do regionalismo crítico defendido por Frampton, onde o arquitecto, sente a necessidade de utilizar o que o lugar lhe proporciona, desde materiais locais, a estruturas já lá existentes (a ruína), e projectar algo de acordo com o que o lugar pede. Isto é, Souto Moura absorve toda a informação transmitida pelo lugar, o chamado *Genius Loci* por Norberg-Schulz, e idealiza algo que vá de encontro às necessidades do homem, mas que “flua” no ciclo daquele lugar.

“A casa propriamente dita é uma caixa em betão envolvida por terra, mas aberta para o lado do rio, o Douro. Uma “casa portuguesa” integrada na paisagem, quer dizer, enterrada na paisagem.”³⁷

³⁷ Moura, Eduardo Souto de. (2006). *Vinte e Duas Casas*. Milheiro, Ana Vaz; Afonso, João; Nunes, Jorge (ed.). (p.61). Lisboa, Ordem dos Arquitectos.



Figura 25 – Enquadramento da Casa de Baião com a Ruína

Desta forma, Eduardo Souto de Moura agarra-se à ideia de que a ruína deixa de ser arquitectura, mas sim natureza, fazendo com que a casa seja camuflada de tal forma, não pela folhagem das árvores, mas pela própria paisagem. E assim a natureza e o edificado se tornam um.

“Recolhida do mundo como um casulo, aninhada na rocha como uma planta, a casa abre-se para a luz da manhã e deixa entrar, soberba, a paisagem única do Douro.”³⁸

“A ruína ficou consolidada, como um jardim delimitado e a vista da sala é muito bonita porque fronteira o Douro.”³⁹

³⁸ Casas no Douro [em linha]. Quinta de Cadafaz, 2012 [consult. 26 Set. 2012]. Disponível em <http://www.quinta-cadafaz.com/index.php?m=2&ssm=8>

³⁹ Esposito, A.; Leoni, G. (2003). Eduardo Souto Moura. (p.144). Barcelona: Gustavo Gili,



Figura 21 – Fernando Luís Cardoso de Meneses e Tavares de Távora

Fernando Távora

“Na realidade é preciso defender, insistentemente, a todo o custo, os valores do passado, mas é preciso defendê-los com uma atitude construtiva, reconhecendo tanto a necessidade que temos deles e aceitando a sua actualização, bem como fazendo-os acompanhar de obras contemporâneas.”⁴⁰

⁴⁰ Távora, Fernando (1962). Da Organização do Espaço, FAUP publicações, (2006)

Num terceiro momento deste capítulo, e por último, será abordada uma figura fundamental da arquitetura portuguesa do século XX: Fernando Távora.

Professor e arquitecto, Fernando Távora é uma referência para todos os apaixonados pela arquitetura. Os seus projectos exibem uma forte ligação do modernismo, mas dando sempre especial atenção ao lugar, à história e às pré-existências. Segundo, a sua doutrina arquitectonica cada edificação deve ter o cuidado de harmonizar o existente e a nova intervenção. E é por isso, que cada projecto de Távora se torna único e inolvidável, adaptando ao lugar em que se insere o projecto.

Num mundo arquitectónico, quer a geração de arquitetos que conheceu Távora em vida, quer aquela que não conheceu, ambas sabem admirar Fernando Távora, projectando e apreendendo nos diversos projetos dele, chamam-lhe mestre. Um arquiteto responsável pelas grandes evoluções da arquitetura portuguesa do século XX, morreu em 2005. Deixando um pensamento de arquiteto para arquiteto: “Que seja assim o arquitecto – homem entre os homens – organizador do espaço – criador de felicidade.”

Instala-se na Alta de Coimbra, um dos seus projetos com grande referência histórica: o anfiteatro que se conforma num volume quadrangular adossado à Faculdade de Direito, abrindo-se para a paisagem envolvente (figura 27).



Figura 22 – Enquadramento Paisagístico do Edifício

Coimbra é um lugar emblemático e cheio de história, assim Távora (como todos os outros arquitectos referidos a supra) entende que se deve ter uma submissa interpretação do lugar, a fim de perceber todas as possíveis transformações, pois “O projecto nasce do conhecimento do lugar mas, ao mesmo tempo, a minha arquitectura define o lugar. Assim, a arquitectura é o processo de redefinição do lugar”⁴¹



Figura 23 – Enquadramento do edifício, Anfiteatro da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

“À Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra fazia falta a existência de uma sala que exercesse as funções de Anfiteatro, muito embora a “velha” sala da Universidade continue a desempenhar tais funções quando se trate do grau máximo a conferir às mesmas”⁴². Como tal, a Universidade de Coimbra decide abrir um concurso para um novo anfiteatro, situado entre a Faculdade de Letras e da biblioteca, posicionado mesmo na encosta de frente para o rio Mondego.

“Em termos de intenções da solução proposta queremos ter satisfeito alguns dos nossos desejos iniciais: — delicadeza do contacto do novo edifício com o existente, através de corredores envidraçados que perfuram com delicadeza o muro medieval, passando sob as arcadas, em apenas dois pontos; — enquadramento da arcaria de Marcos Pires e muro gótico em pátio complementar da sala-átrio, totalmente envidraçada por três lados e com pé direito de 6,60 m para completa leitura daqueles; — clareza da distribuição de acessos através dos dois vestibulos simétricos e sua projecção nos percursos exteriores e interiores que deles partem e a eles chegam; — variação das

⁴¹ Esposito, Antonio, Leoni, Giovanni. (2005). Fernando Távora: Opera Completa. (p.32). Milano: Mondadori Electa.

⁴² Fundação Marques da silva. DC 0275 - Anfiteatro da Faculdade de Direito. Disponível em: <https://arquivoatom.up.pt/index.php/anfiteatro-da-faculdade-de-direito>

volumetrias da sala-átrio e da do anfiteatro, reforçada pelas ligações com pé direito de 2,20 m; — galeria do anfiteatro abrindo-se paralela e contrastadamente sobre o palco e sobre o vale do rio Mondego; — leitura do mesmo vale através do acesso ao terraço, prolongamento da sala de leitura; — amarração do edifício à pendente da acrópole sobre a qual se situa e utilizando uma expressão em tudo paralela à do edifício manuelino com as suas galerias lançadas sobre contrafortes; — revalorização da área de implantação pela eliminação dos muros de suporte, aterros e vegetação existentes, procura do terreno natural e construção de um muro que fecha o pátio que vem da escada de Minerva, em torno do cunhal da Biblioteca; — travacção, pelo novo edifício, do conjunto histórico manuelino-joanino, com valorização da arcaria manuelina, satisfazendo quer uma leitura próxima quer, por exemplo, a leitura de Santa Clara-a-Nova, a cota semelhante; importância, nesta leitura, do elemento superior da instalação do condicionamento de ar”.⁴³

O novo edifício resulta de uma intensa revisão histórico-temporal, inserindo-se com dois acessos aos edifícios existentes, um deles relaciona o novo edifício com o acesso principal à Faculdade de Direito, Capela e Pátio da Faculdade, e o segundo cria a possibilidade de acesso a Biblioteca Joanina (figura 28). Compreendemos assim, que o projeto foi observado e compreendido pelo arquiteto através de todos os elementos envolventes como: a arcada manuelina, o muro gótico, os vestígios dos romanos tal como o muro romano, e as preexistências. Inserindo, desta forma, o novo edifício como um contraforte encaixado no Chão. Távora esclarece que “No projecto para o Anfiteatro de Coimbra tentei mostrar a delicadeza com que o edifício está enraizado no chão, para projectar-se depois no exterior com planos horizontais e para cima, com pequenos volumes”⁴⁴.

⁴³ Esposito, Antonio, Leoni, Giovanni. (2005). Fernando Távora: Opera Completa. (p.32). Milano: Mondadori Electa.

⁴⁴ Távora, F. (2008). Da organização do espaço. Porto: FAUP publicações

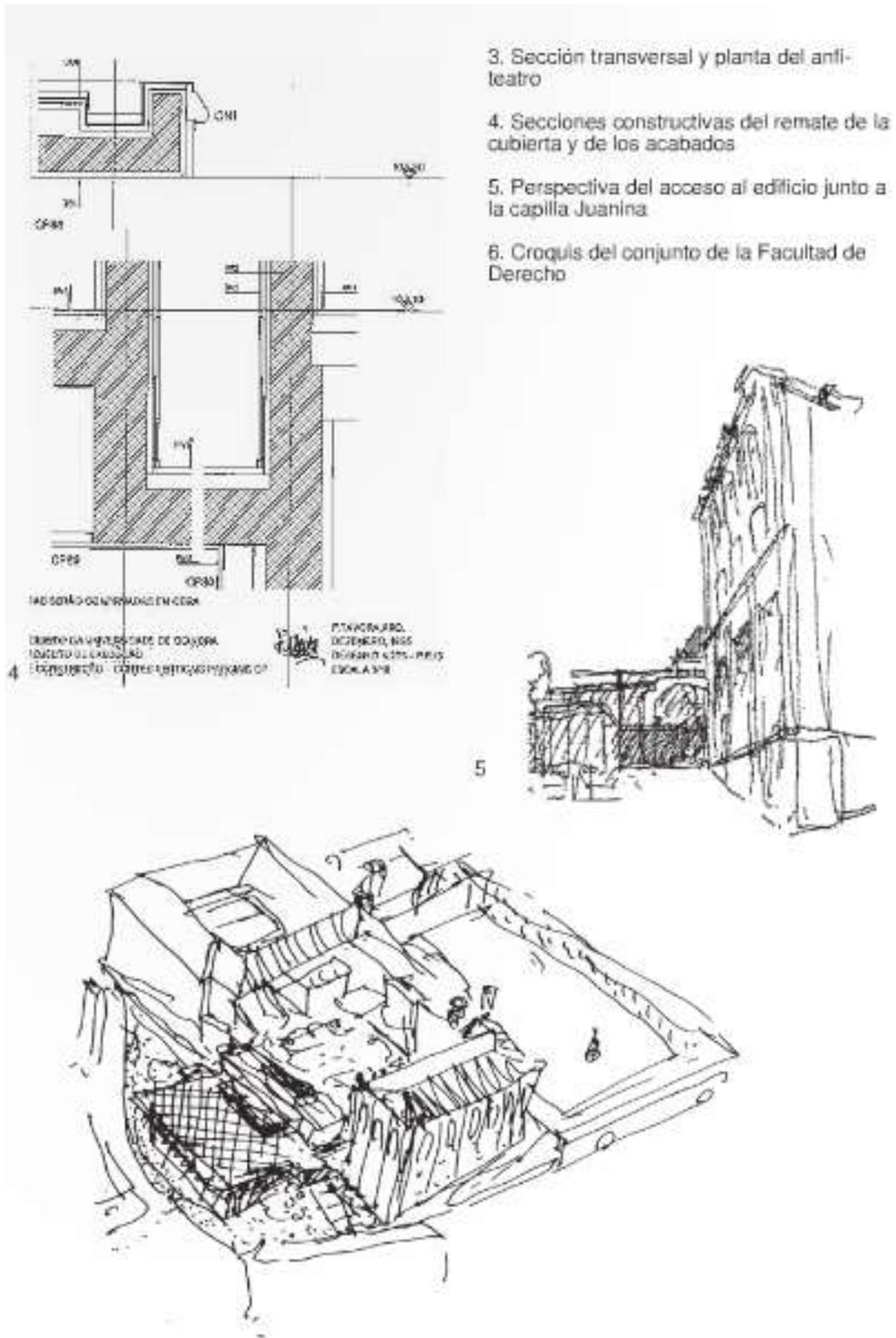


Figura 24 – Esquços e pormenores da autoria de Fernando Távora

“Um edifício deve ser concentrado num terreno e servir as pessoas. Claro que as situações mudam, enfim, não são eternas, mas o edifício, em certo sentido, procura uma certa eternidade. É isso que tenho procurado – dar ao edifício uma certa eternidade. Essa eternidade vem de quê? Da forma? Da função? Claro. Dos materiais? Claro. Do enquadramento? Da oposição com o vizinho? Claro. Mas pode vir pela simpatia com que esse edifício se desfaz e passa a fazer parte daquele ambiente. No fundo, é isso que procuro”⁴⁵

O projeto é de uma Aula Magna dimensionado para 458 lugares sentados e admitindo um reforço envolvente de lugares para assistência em pé (figura 25 e 27). Távora trabalha com formas simples e geométricas, remetendo para a tradição e o modernismo, ao mesmo tempo, pretende dar um ar mais romanizado ao espaço, desenhando-o muito semelhante aos anfiteatros romanos (figura 26), alterando a sua geometria, mas mantendo a sua organização.

Do palco do auditório é impossível apreciar a paisagem do exterior, isto acontece com a finalidade de conferir maior intimidade entre o espaço e as pessoas que se encontram dentro do mesmo.

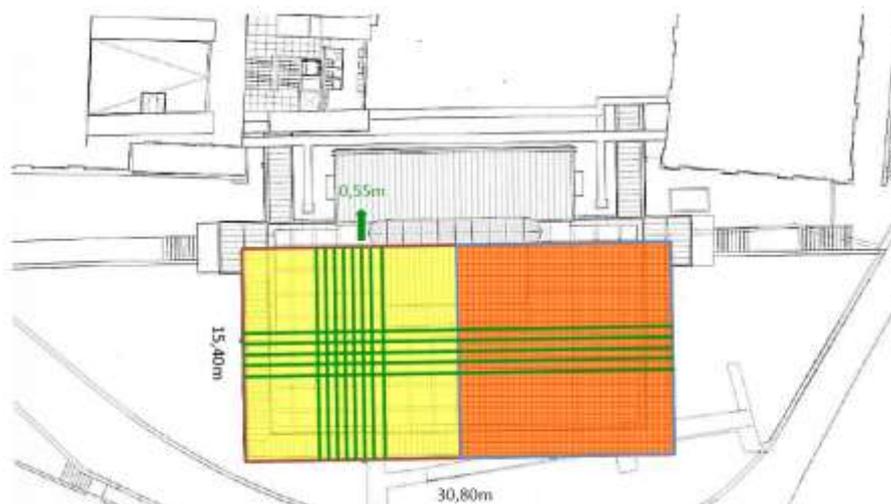


Figura 25 – Planta do Anfiteatro e composição geométrica

⁴⁵ Amaral R., Neves V. Projectos – Fernando Távora, arq./A n°8, Julho/Agosto 2001. (pp.34-39). Sintra.

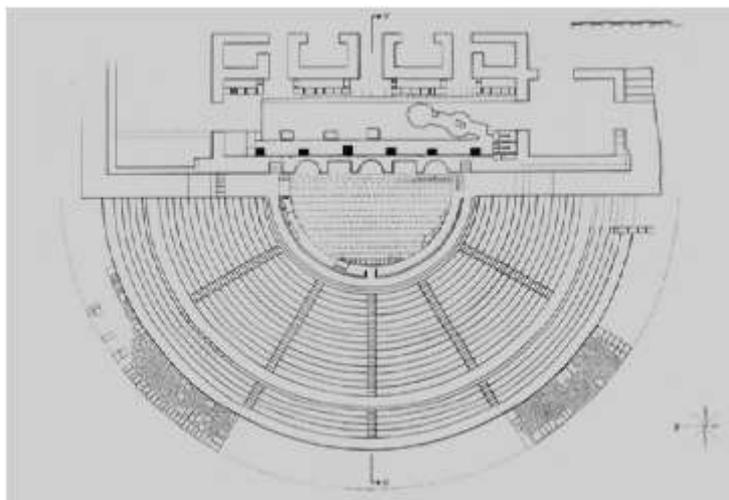


Figura 26 – Planta do Anfiteatro Romano de Acinipo, Espanha

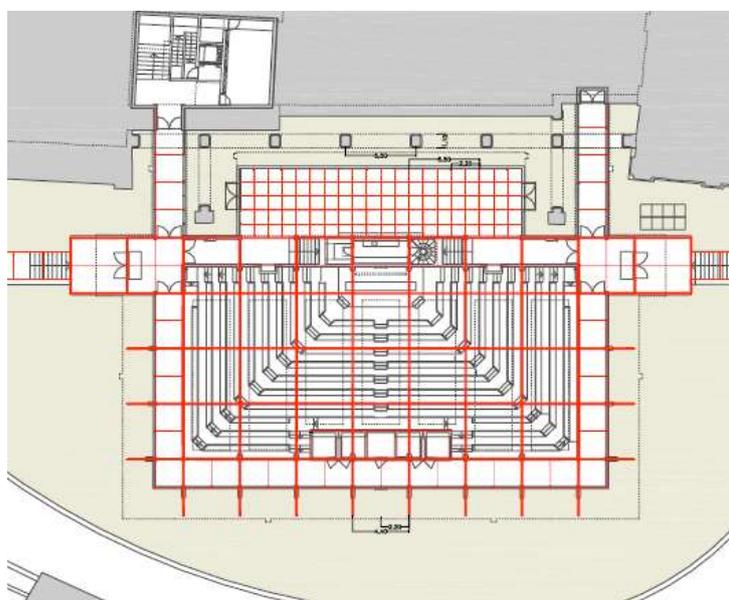


Figura 27 – Planta do Anfiteatro da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

A ligação com a faculdade é no rés-do-chão e o anfiteatro desenvolve-se a uma cota inferior, permitindo desta forma marcar nas zonas da entrada e nas aberturas. (figura 32)

Numa ligação bastante essencial que cristaliza a história, é o grande hall inserido entre o anfiteatro e os edifícios históricos que confrontam uma grande parede envidraçada que assente na imagem das ruínas do edifício manuelino.

Entre o bar e o anfiteatro – o átrio – existe uma escada que liga o auditório ao pátio das Escolas que dá acesso ao piso superior, onde se situa a sala de leitura, a qual se prolonga para o pátio exterior na cobertura que concede sobre um terraço.



Figura 28 – Ligação do Anfiteatro às Ruína Existentes



Figura 29 – Entrada Lateral Esquerda do Anfiteatro



Figura 30 – Vista da Lateral Direita do Anfiteatro

Desta forma, e concluindo, a precisão como são criados e organizados os espaços, e toda a envolvente deste projeto levado a cabo pelo arquitecto Távora sinala o equilíbrio e a harmonia na definição da arquitectura, com a relação e organização do espaço-tempo.

O Anfiteatro da Faculdade de Direito de Coimbra, liga-se ao contemporâneo, mas sobretudo ao moderno, contendo em si mesmo todos os elementos de uma arquitetura e de um lugar: “Coimbra e a sua Universidade”.



Figura 31 – Interior do Auditório

Távora acrescenta ainda que o Anfiteatro da Faculdade de Direito de Coimbra é “um lugar muito marcado, a que se acrescenta, ainda, junto ao muro de suporte, o que resta de uma portada manuelina e, sem o esquecer, quando da abertura das fundações para o novo edifício, a implantação de um caminho romano e de restos da estrutura de um muro de semelhante idade. Foi nestas condições de tempo que tivemos de implantar o novo edifício, o qual procuramos “romanizar” como em Coimbra se romanizaram edifícios.”⁴⁶

⁴⁶ Távora, Fernando. (2002). Anfiteatro Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. coord. Laiño Ana Dominguez, Fernando Távora. (p.80). Corunha, COAG.

CAPÍTULO 3: A QUINTA DA CONCEIÇÃO



Figura 32 – Localização da Quinta da Conceição na Península Ibérica



Figura 33 – Localização da Quinta da Conceição em Matosinhos



Figura 34 – Quinta da Conceição

Situada no distrito do Porto, mais propriamente em Leça da Palmeira, voltada para o porto de Leixões, encontra-se a Quinta da Conceição, repleta de vegetação e circundada pela Rua de Vila Franca e pela Avenida Antunes de Guimarães. Esta surge na margem norte do rio Leça, num terreno cuja pendente é bastante acentuada tornando-o bastante inóspito, daí a quase nula “humanização”.

Em meados do sec. XV, a Quinta da Conceição, outrora denominada como Quinta da Granja, foi o local eleito pelos frades franciscanos para construir um novo convento, Convento de Nossa Senhora da Conceição da Ordem de São Francisco, uma vez que foram forçados a abandonar o Convento de S. Clemente das Penhas (Boa-Nova) devido às dificuldades criadas pela proximidade do mar.

Fruto desta transição, surgem novos elementos como um claustro, chafarizes, uma noca capela, a Capela de São Francisco onde se encontra sepultado Frei João da Póvoa, portais manuelinos, entre outros.

Mais tarde, as ordens religiosas foram-se extinguindo, levando os frades a retirarem-se, e conseqüentemente ao Convento, já no sec. XI, a ser vendido em hasta pública a Manuel Guimarães.

Por fim, no sec. XX, a quinta é cedida à Administração dos Portos de Douro e Leixões, que irá arrendar à Comissão de Turismo da Camara Municipal de Matosinhos para a criação de um parque.



- Antigo Leito do Rio Leça
- Cerca Conventual
- Antiga rua de S. João

Fig.35
Cerca conventual e hipótese de
implantação do Convento Esc. 1/5000

É então que é pedido ao arquitecto Fernando Távora, contando com a colaboração de José Pacheco, Álvaro de Siza Vieira, Alberto Neves e Vasco Cunha, a elaboração de um plano de melhoramento da quinta.

Uma vez no local, o arquitecto depara-se com um terreno onde a vegetação era abundante e que se encontrava repleto de “reliquias” deixadas pelos frades franciscanos, como a Capela de S. Francisco, o Portal de estilo manuelino, o Claustro, a avenida que fazia a ligação entre as diversas obras, tanques destinados à irrigação, um pináculo e estatuas.

“O Parque foi um Convento de Frades que se instalaram ali no séc. XV e, depois, uma propriedade particular. Existiam a avenida, a capela, o claustro, os tanques e, portanto, havia já elementos que garantiam uma estrutura a manter.”⁴⁷

“Este passado que não deve esquecer-se, mantem-se vivo no espírito da Quinta, talvez na Alameda da Fonte de S. João, talvez no que resta do que outrora foi um Claustro, talvez na memória de Frei João da Póvoa, talvez ainda na sombra de qualquer velho castanheiro que conheceu os últimos frades.”⁴⁸

Tendo em conta todas estas “reliquias”, o arquitecto não se podia mostrar indiferente à sua presença, pois estes iriam servir de elo entre o passado religioso e a nova requalificação da quinta.

Assim sendo, este tem de criar um jogo entre o pré-existente e o novo traçado, sem que estes se “atropelem”, mas sim conseguindo criar uma harmonia entre o século XV e o século XX, enriquecendo também desta forma o espaço.

“A arquitectura [de Fernando Távora] surge-nos, através da história, como a presença do homem na natureza, transformando-a, é certo, mas igualmente nela se dissolvendo. As sucessivas sobreposições, as estratificações que ao longo do tempo parecem fixar os lugares, constituem uma trama geográfica intrincada em estruturas formais exteriores ao tempo.”⁴⁹

Para começar a idealizar um projecto para a quinta, Távora, foca-se em quatro elementos fundamentais, pilares para o desenho final, a topografia, a obra, a paisagem e por fim, “o que ainda resta do passado “religioso” do lugar, outrora ocupado por humildes e pobres Franciscanos”⁵⁰

⁴⁷ Trigueiros, L. (1993). Fernando Távora. (p. 66). Lisboa: Blau.

⁴⁸ Távora, F. (1956). Memória Descritiva, Ante-Projecto do Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição. (p.3). Porto.

⁴⁹ Machado, Carlos Manuel de Castro Cabral – Anonimato e Banalidade: Arquitectura popular e arquitectura erudita na segunda metade do século XX em Portugal. (p. 232). Porto.

⁵⁰ Távora, F. (1956). Memória Descritiva, Ante-Projecto do Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição. (p.3). Porto.

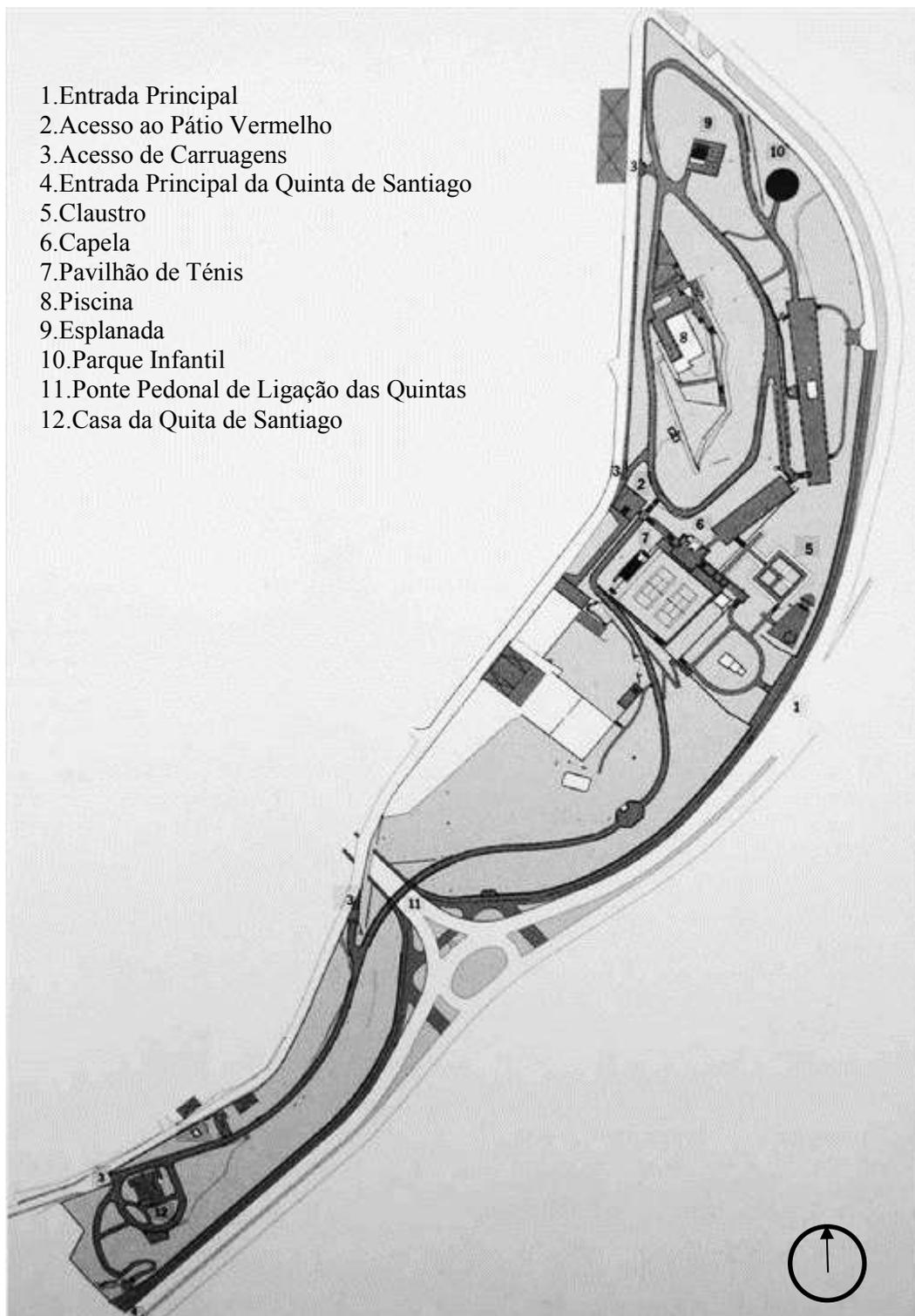


Figura 36 - Planta da Quinta da Conceição (1958 - 60)

Idealizadas as bases para o planeamento, Távora depara-se com um novo problema. O porto de Leixões encontrava-se em expansão e tinha como intenção absorver parte da Quinta da Conceição, levando à demolição de elementos bastante importantes, do ponto de vista do arquitecto, como claustro. Este “rompimento” com o passado, iria desfazer por completo a quinta no espaço, passando assim haver um despego com a história daquele lugar. Como tal, graças à amizade que o arquitecto beneficiava com o presidente da câmara, este consegue propor um novo traçado. Este é aceite e ainda consegue favorecer a própria Quinta, pois os acessos foram redefinidos, facilitando o acesso, levando ambas as partes a “bom porto”.

“Quando comecei o projeto do Parque, dei-me conta de que o plano de acessos ao Porto de Leixões o afectava. A zona do claustro era cortada e o nó viário tinha um conflito frontal que era desastroso. Decidi levar ao Director-Geral do Porto uma solução para o traçado dos acessos e resolver o problema do nó que havia detectado. Ele ficou encantado. Daqui nasceu mais um amigo e o Plano Geral do Espaço Portuário que então elaboramos...”⁵¹

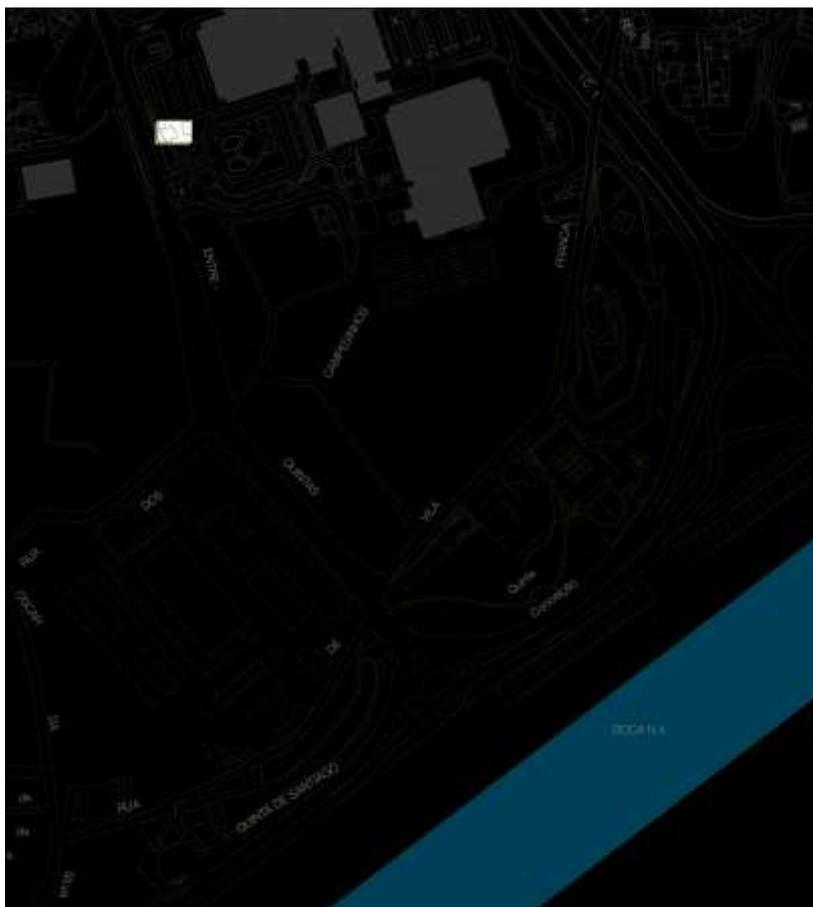


Figura 37 – Planta da Quinta da Conceição

⁵¹ Távora, F. (1956). Memória Descritiva, Ante-Projecto do Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição. (p.3). Porto.

Uma vez que a Quinta continha um enorme declive, Távora decide tomar o máximo partido desse facto e criar um jogo de plataformas, hierarquizados pelos percursos propostos, onde cada espaço continha um tema, e, dada a preocupação que o arquitecto tinha com o passado daquele lugar, decide contempla-los com elementos pré-existentes, reconstruindo-os e distribuindo-os pelos espaços criados, como o portal monástico de estilo manuelino, o Claustro, as fontes monumentais, estátuas, entre outros.

Távora decide criar cinco pontos de entrada para a Quinta, sendo que duas se situam a Poente, na Rua de Vila Franca (figura 39 e 40), uma a Norte (figura 41) e outra a Nascente (figura 42) ainda na mesma rua, e por fim a entrada principal a Sul, já na Avenida Antunes Guimarães. (figura 43)

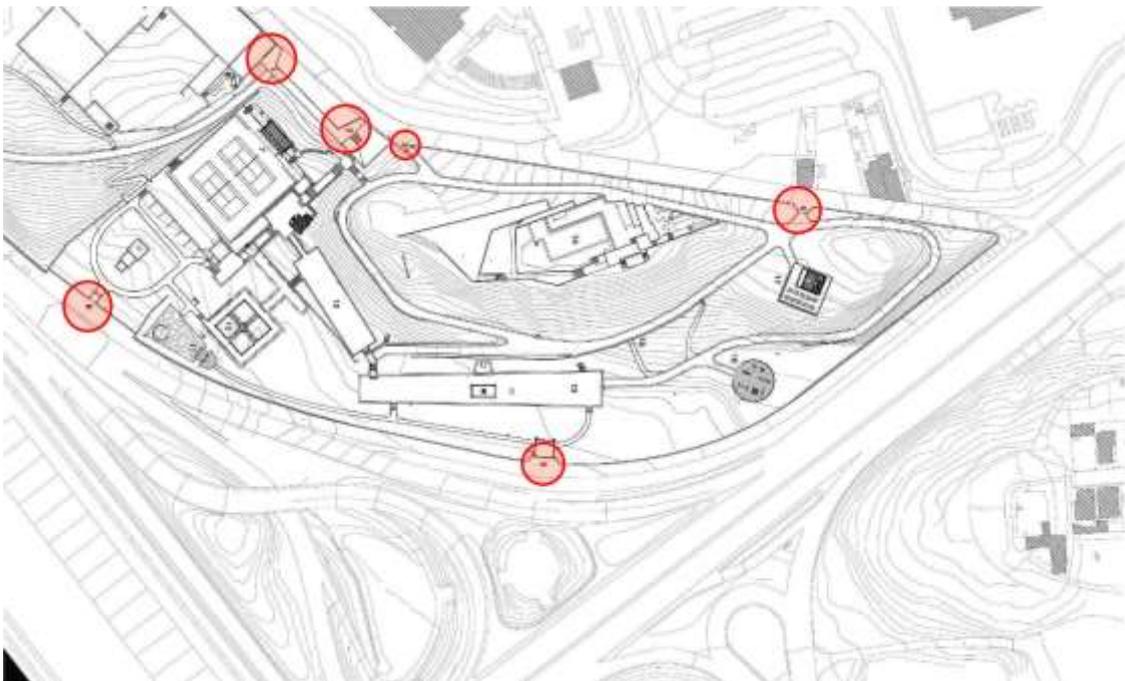


Figura 3



Figura 39 –Entrada a Poente (Pátio Vermelho)



Figura 40 – Entrada Secundária a Poente



Figura 41 – Entrada Secundária a Norte



Figura 42 – Entrada a Nascente

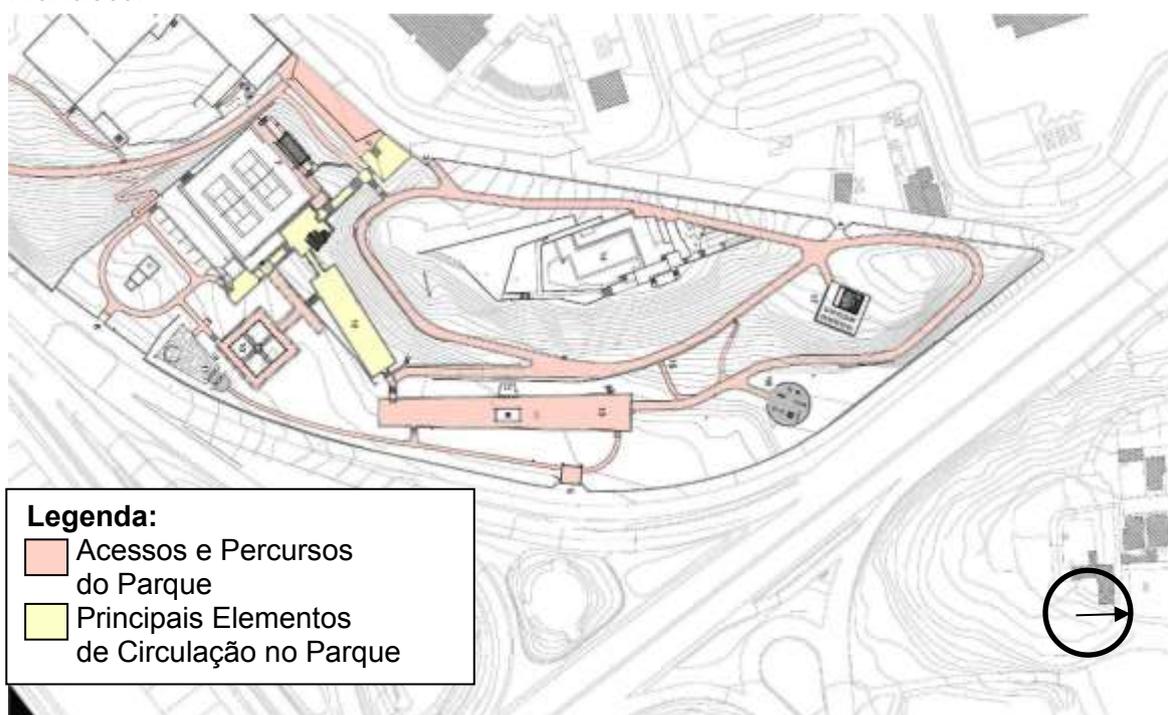


Figura 43 – Entrada Principal a Sul

Távora opta por dispersar por toda a Quinta os espaços de estar e lazer, interligando-os com percursos pedonais compostos por bancos e repletos de vegetação,

criando assim acessos harmoniosos sem que se destruísse o “Genius Loci” daquele lugar.

Por outro lado, cria novos elementos de circulação, os principais elementos de circulação, cuja dimensão é bastante maior, marcados por uma avenida pedonal que liga o ponto mais alto ao ponto mais baixo da quinta, passando pelo elemento histórico mais importante do lugar, elemento que cria um elo entre diferentes séculos, a capela de São Francisco.



Legenda:

-  Acessos e Percursos do Parque
-  Principais Elementos de Circulação no Parque

Figura 44– Acessos e Elementos de Circulação do Parque

Como podemos verificar na figura 44, os elementos de circulação principais, encontram-se centralizados na quinta. Esta centralização é propositada, pois a avenida encontra-se subdividida em três pátios, a três cotas diferentes e é a partir daqui que vão “desabrochar” os percursos secundário, que farão a ligação a todas as zonas e equipamentos. A uma cota mais superior a ligação à Piscina (figura 46) projectada pelo arquitecto Siza Vieira, assim como ao Bar-Restaurante (figura 47) junto à entrada a entrada a Norte. Mais a baixo, um segundo pátio, onde se encontra a Capela, surgem dois caminhos, um para o Corte de Ténis (figura 49) e outro para uma Alameda Amarela que colidirá com a Alameda Vermelha (figura 50), enfatizando a real diferença entre estes dois tipos de percursos, fluindo numa zona de lazer, o Parque Infantil (figura 51), e na entrada a Nascente.

Por fim, na cota mais baixa, o último pátio, dando acesso à entrada principal a Sul, espaço amplo repleto de verdura (figura 53), consolidado com elementos antigos como tanques e lajes de granito. Serve também como elo de ligação com o antigo Claustro

(figura 60) e com um espaço conventual marcado pelo portal Manuelino preservado (figura 61). Conseguindo assim uma combinação perfeita entre o passado, o presente, o programa e o lugar. Um vínculo entre o construído e a natureza que cria um lugar harmonioso, que possibilita o despertar de todos os nossos sentidos.



Figura 45 – Entrada para a Avenida feita pelo Pátio Vermelho

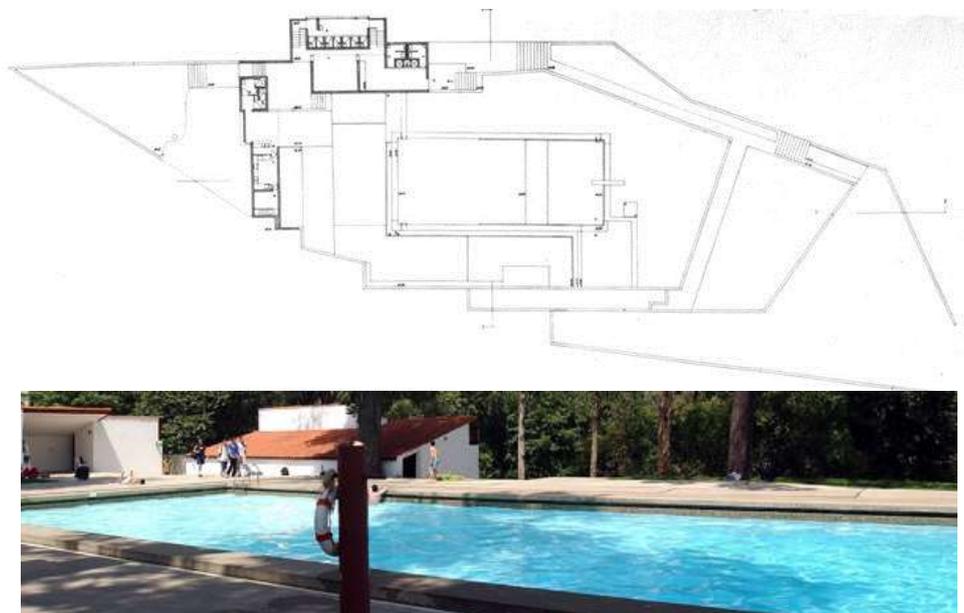


Figura 46 – Piscina da Quinta da Conceição



Figura 47 – Bar-Restaurante



Figura 48 –Avenida Pedonal até o Pátio da Capela



Figura 49 – Corte de Ténis e Pavilhão



Figura 50 – Transição das Alamedas



Figura 51 – Parque Infantil



Figura 52 – Capela de S. Francisco



Figura 53 – Jardim Junto à Entrada Principal a Sul



Figura 54 – Claustro



Figura 55 – Portal Manuelino

CAPÍTULO 4: O PROJECTO

"A arquitetura está sujeita à situação. E eu sinto que o local é uma ligação metafísica, uma ligação poética, com aquilo que um edifício pode ser."⁵²

Na citação atrás transcrita, o autor tenciona relacionar a arquitectura às problemáticas de cada situação, de cada lugar, sendo o edifício fruto das regras estipuladas pelo local. Pelo que, o dualismo entre o local e o novo projecto devem estar em equilíbrio, sem nunca esquecer a essência do espaço envolvente.

A maioria da doutrina arquitectónica, reforça o grande simbolismo que o edifício novo deve ter a par de razões sociais, históricas e culturais. Uma vez que, um arquitecto tem que ser um verdadeiro e puro interprete do seu tempo, dos seus dias, e da sua época.

⁵² Laura S, Dushkes (2014). Cita Holl, Stevonn (1947). Palavras de arquiteto, citações, ironias e doses de sabedoria. (p.68). São Paulo: Gustavo Gili.

Assim sendo, a presente memória descritiva e justificativa, no âmbito da disciplina de projecto, é proposta uma escola de dança, em Leça da Palmeira, mais propriamente na Quinta da Conceição, junto à casa senhorial, hoje ocupada pela GNR, futura escola de música. Com o objectivo de contemplar diversos espaços de carácter público e privado.

A Quinta da Conceição trata-se de um espaço tranquilo, repleto de verdura, devidamente organizado contendo também alguns edifícios de estar e lazer, como esplanada, piscina, campo de ténis, desenhados por arquitectos conceituados como Álvaro Siza Vieira e Fernando Távora.

Elaboração de projecto de “Escola de Dança”

Prevê-se a construção de um novo edifício nos terrenos situados entre a Quinta da Conceição e o actual edifício da GNR.

O edifício deverá poder funcionar autonomamente, devendo ser estudada a ligação à rua, à Quinta da Conceição e ao edifício da GNR (futura escola de música). Todos os espaços exteriores deverão ser tratados.

Deverão ser previstos os seguintes espaços e respectivas áreas úteis aproximadas (por unidade):

Áreas gerais

Átrio	1 un.	80 m ² (num único espaço, ou em diversos espaços)
Recepção	1 un.	20 m ²
WC's		20 m ² (inclui wc para deficientes motores)
Arrumo	1 un.	10 m ²
Cafetaria	1 un.	80 m ² (mais serviços de copa, arrumo, wc funcionário. etc. 30m ²)

Áreas técnicas e arrumos

a def. 50 m²

Serviços administrativos

Gabinetes	2 un.	15 m ²
Sala de reuniões	1 un.	20 m ²
Arrumo	1 un.	10 m ²
Wc's		10 m ²

Salas para ensaios e audições

Salas de ensaio	2 un.	100 m ²
Arrumos para material	1 un.	30 m ² (com ligação, ou na proximidade das salas)

Balneários e wc's

Para alunos	2 un.	40 m ² (1 un. Masculino, 1 un. Feminino)
Para professores	2 un.	20 m ²

Auditório

Sala com 150 lugares	1 un.	200 m ² (inclui palco com 60 m ² e medida mínima de 6m)
Cabine de projecção	1 un.	20 m ²
Áreas técnicas	a def.	50 m ²
Arrumo	a def.	50 m ² (com ligação directa ao palco)
Camarins	2 un.	20 m ²
Sala de ensaio	1 un.	20 m ²

O auditório deverá permitir funcionamento autónomo, independente da escola, mas partilhando átrio, cafeteria e wc's. Deverá servir usos diversos, incluindo a utilização por alunos da futura escola de música a construir na proximidade.

Deverá ser considerado acesso automóvel para veículos de emergência.

Área útil total	1070 m²
Área Bruta (máxima)	1400 m²

Docentes: João Pedro Seródio, José Gigante, Rui Furtado, Nuno Graça Moura

Mestrado Integrado em Arquitectura

Ano lectivo 2015 – 2016: Projecto 5

Figura 56 – Quadro com o Programa Proposto Para a Escola de Dança

Assim que nos deslocamos ao local, deparamo-nos com uma série de problemas, problemas estes que iriam trazer diversas dificuldades e que não poderiam ser “contornados”.

Tratava-se de um local, cuja forma era completamente irregular, repleto de vegetação e marcado pela grande diferença de cotas, do qual vai resultar um pequeno declive, colado a uma casa senhorial, utilizada como esquadra da GNR e idealizada como futura escola de música.

Estamos então na presença de dois “mundos” distintos, o construído (a casa), e a natureza, que nos obriga a criar um jogo entre eles pois um mau planeamento poderia “romper” toda a harmonia criada pelo lugar.

Como tal, não poderia “cair” ali um edifício qualquer, mas sim um equipamento que abraçasse toda a envolvente, criando uma relação harmoniosa entre estes dois elementos.

É então que, inevitavelmente, nos apercebemos que todos estes “problemas”, não passam de premissas do “Genius Loci” daquele lugar, e que passaram a ser os pilares de qualquer desenho proposto para aquele local.

Devemos então primeiramente, “compreender a vocação do lugar”⁵³, absorver toda a informação transmitida pelo lugar para posteriormente a reunir e concluir o que uma coisa é, ou o que ela quer ser, de maneira a aproximar as propriedades do lugar ao homem.



Figura 57 – Caminhos da Quinta da Conceição

⁵³ Nesbbit, Kate, (2008). Uma nova agenda para a arquitectura: antologia teórica. 2ª ed. rev., (p.459). São Paulo: Editora CosacNaify



Figura 58 – Vista Aérea e Respectiva Área de Intervenção



Figura 59 – Local de Intervenção



Figura 60 – Pelourinho no Local de Intervenção

Assim sendo, é criado um edifício semi-enterrado, com a forma de “L” de onde aflorem novos volumes, orientados pelos alinhamentos dos muros do terreno envolvente, mas desalinhados entre si, resultando numa forma bastante orgânica semelhante a uma mão, intercalada com espaços abertos para lazer, entre os “dedos”, criando diferentes ligações visuais, e como se encontra afastado do limite do terreno, surge um pátio com jardim, como que se fosse uma varanda para a quinta, deslumbrando também o porto de Leixões, o campo de ténis, e a ponte móvel.

Desta forma, a cobertura do edifício é solta de qualquer tipo de relação com o interior da escola, mas sim relacionada com a natureza envolvente. São criando dois novos miradouros, um direccionado para o campo de ténis já existente, e outro para a ponte móvel, interligados com o já existente, marcado por um antigo pelourinho, através de um jogo de plataformas, dando vida ao lugar, dinamizando os percursos. Assim, as pessoas podem circular livremente sobre o edifício como se nunca tivessem deixado de estar no solo da quinta.

Aqui, há a necessidade de valorizar as particularidades do lugar e de abraçar a natureza, os artefatos deixados pelos nossos antepassados e a casa senhorial já existente, e produzir algo modernizado, com novos métodos construtivos, que crie uma relação entre eles, mas sem que percamos as “raízes”.



Figura 61 – Planta de Implantação



Figura 62 – Maquete da Escola de Dança

Já os acessos, foram pensados de maneira a criar uma ligação entre a casa senhorial e a Quinta da Conceição. A entrada seria feita pelo túnel existente na casa senhorial, com ligação a um pátio aberto, repleto de natureza onde poderíamos optar por dois caminhos, um para a quinta e outro para o edifício da Escola de Dança, a entrada principal. Uma vez que, o programa pedia um acesso independente para o auditório, aproveitamos um acesso já existente na Quinta da Conceição, uma escadaria em caracol, feita em pedra, que daria acesso à varanda atrás referida e a partir daqui a criação de uma entrada secundária para o edifício, sem que interferisse com o restante programa do edifício.



Figura 63 – Planta Demonstrativa dos Acessos à Escola de Dança



Figura 64 – Entrada pela Quinta



Figura 65 – Entrada pela Esquadra da GNR

Assim que entramos no edifício encontramos-nos num espaço amplo, que serviria de elo de ligação entre quatro zonas destinadas: a zona do refeitório, a zona administrativa, o auditório, e a zona de aulas.

O refeitório, seria composto por uma forma retangular, composta por uma parede de pedra, transitada do exterior para o interior colmatada com grandes envidraçados enfatizando a relação interior-exterior.

A zona administrativa, encontrar-se-ia relacionada com o hall de entrada, dividida por uma estante da zona do auditório, estando constantemente em contacto visual com a nova praça criada na entrada principal, através de uma fachada em vidro.

Já o auditório, seria composto por dois acessos distintos um destinado à plateia, e outro para os bastidores dos artistas.

Os visitantes, assim que entrassem no edifício seriam conduzidos até uma sala de espera, de convívio, contemplada com um pequeno jardim acessível, enfatizando a relação com o exterior, para posteriormente, entrarem organizados para o auditório.

Por fim, teríamos a zona de aulas, composta por dois volumes quadrangulares, alinhados paralelamente aos muros exteriores existentes e direccionados um para a Ponte de Leixões e outro para o Corte de Ténis. Estes, surgiriam como se fossem dois volumes soltos do edifício, criando desta forma uma zona de espera, com acesso aos balneários e a zona dos bastidores, embelezado por um “jogo” de luzes, resultante dos espaços vazios entre os três volumes. Fruto desta torção, surgiriam também novos espaços exteriores de lazer, assim como uma varanda com acesso a Quinta da Conceição.



Figura 66 – Planta do R/C com Divisão de Percursos



Legenda:

- Pátio de Entrada
- Refeitório
- Secretaria e Sala de reuniões
- Salas de aula
- Balneários
- Auditório e Camarins
- Varanda Para a Quinta
- Área Técnica

Figura 67 – Planta do R/C da Escola de Dança



Legenda:

- Auditório, Arrumos e Sala de Ensaio
- Área Técnica

Figura 68 – Planta do Piso -1 da Escola de Dança

Já a área técnica teria uma entrada independente feita pelo exterior sem qualquer tipo de ligação as outras secções do edifício, sendo composta por dois andares o R/C e Piso-1.

A nível de materiais, o edifício seria estruturalmente construído em betão, estrutura esta, escondida por baixo de uma “carapaça” de pedra, ou seja, seria um edifício com parede dupla, onde a interior (estrutural) é em betão, e a exterior, em pedra até aos 3m de altura, rematada com uma platibanda também em betão, que faria a ligação entre os referidos anteriormente “dedos”, paredes estas sempre acompanhadas por grandes vãos envidraçados que deixariam a envolvente penetrar no edifício. Já a cobertura seria toda ela ajardinada suavizando a relação entre terreno e edifício, podendo a mesma ser visitável.

Em suma, o edifício tenta valorizar o local e adaptar-se à envolvente sem nunca criar uma ruptura entre a natureza e o edificado.

“os espaços recebem a sua essência, não do espaço e sim do lugar...os espaços onde de desenvolve a vida são antes de tudo lugares”⁵⁴

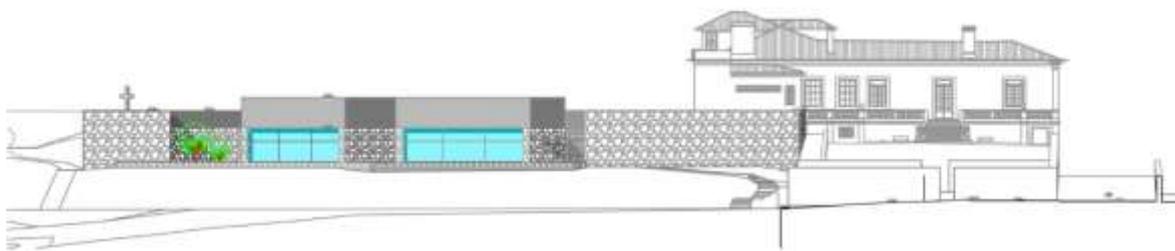


Figura 69 – Alçado a Nascente da Escola de Dança

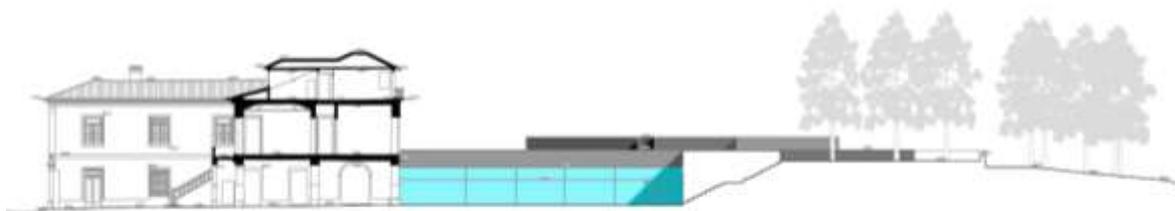


Figura 70 – Alçado a Poente da Escola de Dança

⁵⁴ HEIDEGGER, Martin, (2015). Construir, habitar, pensar. Espanha:La Oficina

CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclusão

Tendo em conta os objetivos deste trabalho, conseguimos perceber a importância da palavra lugar pois este pode diferenciar de pessoa para pessoa. Para uns, trata-se de um simples ponto geográfico no planeta, para outros é algo bem mais elaborado, algo bem mais complexo, é algo simbólico que é capaz de impor regras construtivas, e ao mesmo tempo de nos inundar de sentimentos. Desta forma, conseguimos perceber a importância do lugar para a implantação e concepção dos edifícios, podendo concluir que é impossível projectar sem se fazer um estudo sobre o lugar onde é pretendido implantar o edifício, pois como profere Norberg-Schulz, cada lugar contém um Genius Loci, que vai estipular as regras, as premissas segundo o qual aquele lugar se rege, tornando cada lugar tão próprio. Esquecer tudo o que está em volta apenas iria romper a harmonia criada pelo local e até mesmo um desfasamento com a sua história.

A partir da abordagem às obras de Siza Vieira, Souto Moura e Fernando Távora, conseguimos compreender que todos eles têm em consideração todos os elementos presentes no lugar desde os alinhamentos dos edifícios já existentes, a exposição solar, as vistas, até mesmo às pedras, rochedos, que poderão lá ser encontrados de maneira a poderem ser incorporados no projecto. Assim sendo, é criada uma relação harmoniosa entre o construído e o pré-existente.

Por fim, tendo em conta o exemplo dos arquitectos atrás referidos, e ter sido feito um estudo aprofundado à Quinta da Conceição, local onde seria implantada a escola de dança, adaptou-se as ideologias de Norberg-Schulz, e foram abordados diversos elementos como a orientação solar, a diferença de cotas, as vistas e até mesmo os elementos pré-existentes, para posteriormente estudar a melhor organização a nível de programa tendo em conta tudo ao redor, criando uma sintonia com a envolvente. Desta forma, foi conseguido tirar o máximo partido do lugar, fator fulcral para a implantação e concepção da escola de dança, sem que este corrompa o Genius Loci daquele lugar, mas sim que o incorpore, criando uma ligação fluida com a natureza e a casa senhorial lá existente.

Bibliografia

Livros / Revistas

- Amaral R., Neves V. (2001). Projectos – Fernando Távora, Sintra.
- Dicionário Universal da Língua Portuguesa. (2005). Texto Editores.
- Esposito, Antonio, Leoni, Giovanni. (2005). Fernando Távora: Opera Completa. Milano: Mondadori Electa.
- Esposito, A.; Leoni, G. (2003). Eduardo Souto Moura. Barcelona: Gustavo Gili,
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol. XV. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia Limitada.
- Jodidio, Philip. (2003). Álvaro Siza: The Work of Álvaro Siza. Taschen.
- Laura S, Dushkes (2014). Palavras de arquiteto, citações, ironias e doses de sabedoria. São Paulo: Gustavo Gili.
- Machado, José Pedro. (3º ed.). (1997). Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. Com a Mais Antiga Documentação Escrita e Conhecida de Muitos Vocábulos, vol.III. Lisboa: Livros Horizonte.
- Moura, Eduardo Souto de. (2006). Vinte e Duas Casas. Lisboa, Ordem dos Arquitectos.
- Nesbitt, Kate (1965-1995). Uma nova agenda para a arquitectura: antologia teórica. São Paulo: Editora CosacNaify.
- Norberg-Schulz, Christian (1987). “Luogo e identità em Centro Storico, Restauro o Progetto. La Casa Usher. Florença: fundazione Michelucci”. Cf.: Aguiar, Losé. (2002) “Cor e Cidade Histórica-Estudos cromáticos e conservação do património”. Porto: Ed. FAUP.
- Silva, António de Moraes (1999). Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa, vol. III. Editorial Confluência.
- Siza, Álvaro. (1999). Casa de Chá da Boa Nova. Lisboa : Editorial Blau.
- Siza, Álvaro em entrevista a J.Adrião e R. Carvalho- JA, (Morada), nº224.Lisboa:Julho-Setembro 2006
- Távora, F. (1956). Memória Descritiva, Ante-Projecto do Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição. Porto.
- Távora, Fernando. (2002). Anfiteatro Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. coord. Laiño Ana Dominguez, Fernando Távora, Corunha, COAG.
- Távora, Fernando (1962). Da Organização do Espaço, FAUP publicações, (2006)
- Trigueiros, L. (1993). Fernando Távora. Lisboa: Blau

- Bártolo, Luis Carlos Barreiros Bártolo. (2018). A Casa de Chá Boa Nova, uma reflexão. Universidade Lusíada de Lisboa
- Caldeira, Cláudia Sofia Sousa. (2011). Ilha da Madeira: a importância do LUGAR como método de aproximação ao projeto da habitação unifamiliar. Porto
- Freitas, Ricardo Jorge Pombal Caetano de. (2015). Verdade ou consequência? : uma análise interpretativa/forma, Casa do Pego (Sintra), Álvaro Siza Vieira. Porto
- Lima, Susana Raquel Meleiro. (2011). Fernando Távora e o espaço público português. Porto.
- Machado, Carlos Manuel de Castro Cabral. (2006). Anonimato e Banalidade: Arquitectura popular e arquitectura erudita na segunda metade do século XX em Portugal. Porto.
- Martins, Raquel Monteiro. (2009). A ideia de Lugar: um olhar atento às obras de Siza. Coimbra.
- Mendanha, José João Padrão Cruz Dias. (2012). Do Lugar à Obra: Cinco Equipamentos Desportivos Portugueses. Porto
- Otto, Maria Fernandes de Sousa. (2014). Marcar o Lugar: do Syrah à Azinheira – 5 lugares, 5 formas. Porto
- Pereira, Ricardo Jorge Queirós. (2016). O Lugar na Arquitectura-Escola de Dança na Quinta da Conceição. Porto.
- Pinto, Mónica Ângela Santos. (2008). O desenho do lugar na composição do espaço. Lisboa
- Quelhas, Tiago Couto. (2016). Integração da Proposta com a Envolvente Natureza e Paisagem. Porto.
- Silva, José Pedro Magalhães. (2016). A 'Verticalidade' na organização do espaço para a criação de uma 'Circunstância' futura. Porto.
- Soares, Luciano Margotto. (2001). A arquitetura de Álvaro Siza. São Paulo.
- Sousa, José Carlos Costa. (2015). O impacto de alguns arquitetos do norte de Portugal no panorama da arquitetura contemporânea. Corunha.
- Teixeira, Beatriz da Silva. (2015). Sobre a Singularidade do Lugar. Porto

Webgrafia

<http://www.vitrubius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225>

https://issuu.com/harada.arq/docs/fernando_tavora_e_o_espaco_publico_portugues.

http://casaembaiao.blogspot.pt/2012/06/e_27.html

<http://comoprojetar.com.br/influencia-entorno-no-projeto-de-arquitetura/>

<http://www.archdaily.com.br/br/623037/feliz-aniversario-alvaro-siza>

<https://www.leca-palmeira.com/quinta-da-conceicao-2/>

<https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/6161/3/5.1.pdf?ln=pt-pt>

<http://www.oapix.org.pt/300000/1/index.htm>

Índice de Imagens

Figura 1 - Álvaro Joaquim de Melo Siza Vieira-----	23
Figura 2 – Rochedos junto à Casa de Chá da Boa Nova-----	27
Figura 3 – Farol da Boa Nova-----	27
Figura 4 - Capela de S. Clemente das Penhas, Leça da Palmeira-----	27
Figura 5 – Avenida da Liberdade, Leça da Palmeira-----	28
Figura 6 – Planta de Implantação com Curvas de Nível -----	28
Figura 7 – Percurso até a Casa de Chá da Boa Nova-----	30
Figura 8 – Enquadramento da Casa de Chá no terreno-----	30
Figura 9 – Entrada da Casa de Chá da Boa Nova-----	30
Figura 10 – Planta do piso -1 da Casa de Chá da Boa Nova -----	31
Figura 11 – Diferentes Entradas de Luz no Edifício -----	32
Figura 12– Janelas do hall de entrada da Casa de Chá da Boa Nova-----	33
Figura 13 – Abertura da Sala de Jantar para o Átrio-----	33
Figura 14 – Vista da Sala de Chá -----	33
Figura 15 – Eduardo Souto de Moura -----	35
Figura 16 – Planta da Casa de Baião demonstrando a colocação do muro exterior no interior como parede divisória -----	38
Figura 17 – Fachada Frontal da Casa da Baião -----	39
Figura 18 – Vista da Casa de Baião-----	39
Figura 19 – Cobertura Ajardinada da Casa de Baião -----	40
Figura 20 – Enquadramento da Casa de Baião com a Ruina -----	41
Figura 21 – Fernando Luís Cardoso de Meneses e Tavares de Távora -----	43
Figura 22 – Enquadramento paisagístico do edifício-----	45
Figura 23 – Enquadramento do edifício, Anfiteatro da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra -----	46
Figura 24 – Esquços e pormenores da autoria de Fernando Távora -----	48
Figura 25 – Planta do Anfiteatro e composição geométrica -----	49
Figura 26 – Planta do Anfiteatro Romano de Acinipo, Espanha -----	50
Figura 27 – Planta do Anfiteatro da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra -----	50
Figura 28 – Ligação do Anfiteatro às Ruina Existentes -----	51

Figura 29 – Entrada Lateral Esquerda do Anfiteatro -----	51
Figura 30 – Vista da Lateral Direita do Anfiteatro -----	51
Figura 31 – Interior do Auditório -----	52
Figura 32 – Localização da Quinta da Conceição na Península Ibérica -----	56
Figura 33 – Localização da Quinta da Conceição em Matosinhos -----	56
Figura 34 – Quinta da Conceição -----	58
Figura 35 – Cerca conventual e hipótese de implantação do Convento Esc. 1/5000-----	59
Figura 36 – Planta da Quinta da Conceição (1958 - 60)-----	61
Figura 37 – Planta da Quinta da Conceição -----	62
Figura 38 – Entrada a Poente (Pátio Vermelho) -----	63
Figura 39 – Planta da Quinta da Conceição e Localização das Entradas -----	64
Figura 40 - Cerca conventual e hipótese de implantação do Convento Esc. 1/5000-----	64
Figura 41 – Entrada Secundária a Norte-----	64
Figura 42 – Entrada a Nascente-----	64
Figura 43 – Entrada Principal a Sul-----	64
Figura 44 – Acessos e Elementos de Circulação do Parque-----	65
Figura 45 – Entrada para a Avenida feita pelo Pátio Vermelho-----	66
Figura 46 – Piscina da Quinta da Conceição-----	66
Figura 47 – Bar-Restaurante-----	67
Figura 48 –Avenida Pedonal até o Pátio da Capela-----	67
Figura 49 – Corte de Ténis e Pavilhão-----	68
Figura 50 – Transição das Alamedas-----	68
Figura 51 – Parque Infantil-----	68
Figura 52 – Capela de S. Francisco-----	68
Figura 53 – Jardim Junto à Entrada Principal a Sul-----	69
Figura 54 – Claustro-----	69
Figura 55 – Portal Manuelino-----	69
Figura 56 – Quadro com o Programa Proposto Para a Escola de Dança-----	73
Figura 57 – Caminhos da Quinta da Conceição-----	74
Figura 58 – Vista Aérea e Respectiva Área de Intervenção-----	75
Figura 59 – Local de Intervenção-----	75
Figura 60 – Pelourinho no Local de Intervenção-----	75
Figura 62 – Planta de Implantação-----	76
Figura 62 – Maquete da Escola de Dança-----	76
Figura 63 – Planta Demonstrativa dos Acessos à Escola de Dança-----	77
Figura 64 – Entrada pela Quinta-----	77

Figura 65 – Entrada pela Esquadra da GNR-----	77
Figura 66 – Planta do R/C com Divisão de Percursos-----	78
Figura 67 – Planta do R/C da Escola de Dança-----	79
Figura 68 – Planta do Piso -1 da Escola de Dança-----	79
Figura 69 – Alçado a Nascente da Escola de Dança-----	80
Figura 70 – Alçado a Poente da Escola de Dança-----	80

Créditos de Imagens

- Figura 1-<http://www.diarioimobiliario.pt/Arquitectura/Parabens-Alvaro-Siza-Vieira>
- Figura 2-<http://www.flavorsandsenses.com/misc/eventos/nespresso-boa-nova>
- Figura 3-<https://www.leca-palmeira.com/o-farol-de-leca/>
- Figura 4-<http://olhares.sapo.pt/capela-da-boa-nova-foto1082540.html>
- Figura 5-<https://lifecooler.com/artigo/comer/marginal-de-lea-da-palmeira/429073>
- Figura 6-<https://divisare.com/projects/265753-alvaro-siza-joao-morgado-renovation-of-boa-nova-tea-house>
- Figura 7-<http://arkikultura.com/casa-de-te-restaurante-boa-nova-alvaro-siza/>
- Figura 8-<http://mesa-do-chef.blogs.sapo.pt/casa-de-cha-da-boa-nova-a-casa-sobre-as-409060>
- Figura 9-<http://mesa-do-chef.blogs.sapo.pt/2016/03/>
- Figura 10-<https://divisare.com/projects/265753-alvaro-siza-joao-morgado-renovation-of-boa-nova-tea-house>
- Figura 11-<https://divisare.com/projects/265753-alvaro-siza-joao-morgado-renovation-of-boa-nova-tea-house>
- Figura 12-<http://bebespontocomes.pt/2016/03/14/boa-nova/>
- Figura 13-<https://nit.pt/buzzfood/restaurantes/michelin-novos-restaurantes-portugal/attachment/63437>
- Figura 14-<https://divisare.com/projects/265753-alvaro-siza-joao-morgado-renovation-of-boa-nova-tea-house>
- Figura 15-<https://www.archdaily.com.br/br/tag/eduardo-souto-de-moura>
- Figura 16-http://casaembaiiao.blogspot.pt/2012/06/e_27.html
- Figura 17-<http://www.parqmag.com/?p=2249>
- Figura 18-http://casaembaiiao.blogspot.pt/2012/06/e_27.html
- Figura 19-<http://www.parqmag.com/?p=2249>
- Figura 20-<http://www.parqmag.com/?p=2249>
- Figura 21-http://casaembaiiao.blogspot.pt/2012/06/e_27.html
- Figura 22-<http://www.parqmag.com/?p=2249>
- Figura 23-<https://revisitavora.wordpress.com/category/revisitar-fernando-tavora-a-viagem/>
- Figura 24-<http://hortomondego.pt/portfolio-item/2178>
- Figura 25- <http://docplayer.com.br/3080070-Apresentacao-publica-do-projecto-do-anfiteatro-da-faculdade-de-direito-da-universidade-de-coimbra-uri-http-hdl-handle-net-10316.html>

Figura 26-

https://issuu.com/harada.arq/docs/fernando_tavora_e_o_espaco_publico_portugues

Figura 30-http://www.juntadeandalucia.es/cultura/rutasteatro/es/01_TR_72.html

Figura 27-

https://issuu.com/harada.arq/docs/fernando_tavora_e_o_espaco_publico_portugues

Figura 28-

https://issuu.com/harada.arq/docs/fernando_tavora_e_o_espaco_publico_portugues

Figura 29-

https://issuu.com/harada.arq/docs/fernando_tavora_e_o_espaco_publico_portugues

Figura 30-

https://issuu.com/harada.arq/docs/fernando_tavora_e_o_espaco_publico_portugues

Figura 31-<http://jomirifefotos.blogspot.pt/2014/09/rececao-alunos-fduc.html>

Figura 32-Fotografia do autor tirada do google earth

Figura 33- Fotografia do autor tirada do google earth

Figura 34- Fotografia do autor tirada do google earth

Figura 35- Esquema do autor com base em: Furtado, J. M. C. (2015). Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). 002. (p. 26)

Figura 36- Esquema demonstrativo da implantação do edifício da Escola de Dança no conjunto das duas Quintas, Conceição e Santiago. Baseado em Clementino (2013). Sem data. Sem escala

Figura 37-Lima, Susana. Uma ideia de arquitetura de paisagem na obra de Fernando Távora. (p.10)

Figura 38- Esquema do autor com base em: Furtado, J. M. C. (2015). Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). Fig. 030. (p. 62)

Figura 39-Lima, Susana. Uma ideia de arquitetura de paisagem na obra de Fernando Távora. (p.10)

Figura 40-Fotografia do autor

Figura 41-Fotografia do autor

Figura 42-Fotografia do autor

Figura 43-Fotografia do autor

Figura 44-Fotografia do autor

Figura 45- Esquema do autor com base em: Furtado, J. M. C. (2015). Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição

(Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). Fig. 030. (p. 62)

Figura 46- Furtado, J. M. C. (2015). Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). (p. 97)

Figura 47- <https://br.pinterest.com/pin/353251164508365101/>

Figura 48- http://www.cm-matosinhos.pt/frontoffice/pages/482?image_gallery_id=18

Figura 49- Furtado, J. M. C. (2015). Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). (p. 97)

Figura 50- http://www.cm-matosinhos.pt/frontoffice/pages/482?image_gallery_id=18

Figura 51- http://www.cm-matosinhos.pt/frontoffice/pages/482?image_gallery_id=18

Figura 52- http://www.cm-matosinhos.pt/frontoffice/pages/482?image_gallery_id=18

Figura 53- http://www.cm-matosinhos.pt/frontoffice/pages/482?image_gallery_id=18

Figura 54- <http://www.campoaberto.pt/?p=11157>

Figura 55- <https://portophotographyguide.wordpress.com/tag/leca-da-palmeira/>

Figura 56- <https://www.leca-palmeira.com/quinta-da-conceicao-2/>

Figura 57-Figura do autor

Figura 58-Fotografia do autor

Figura 59- Fotografia do autor tirada do google earth

Figura 60- Fotografia do autor

Figura 61- Fotografia do autor

Figura 62- Fotografia do autor

Figura 63- Fotografia do autor

Figura 64- Fotografia do autor

Figura 65- Fotografia do autor

Figura 66- Fotografia do autor

Figura 67- Fotografia do autor

Figura 68- Fotografia do autor

Figura 69- Fotografia do autor

Figura 70- Fotografia do autor

